



A Casa de Jajja

*Mariana
Montag Ferreira*



*Orientador
Ricardo Ramos*



Agradecimentos

Agradeço a minha família,
À minha mãe pelo exemplo
de garra e coragem,
Ao meu pai pelos
questionamentos que
me levam além,
Ao meu irmão por seu
meu amor guia.
Aos docentes que me
acompanharam,
À diretora Angélica e
ao coordenador Lucas
por acreditarem e
tornarem possível,
Ao meu orientador Caco pela
liberdade e acolhimento,
À Sasquia pelo conhecimento
e companheirismo,
À Ana Gabriela pelo tempo
e me ensinar a respeitar
os ciclos nele inscrito,
Ao Daniel pela orientação
que semeou tanto.

Às minhas amigas e amigos,
pela escuta e partilha com
olhos tão vibrantes, pelo
carinho transformador.
À minha família de Uganda,
Elisa, Jajja, Gift, Rose,
Najib, Sharon, Faith, Janet,
Jimmy, Frida, Maimuna
e Lisa, por serem o
oxigênio desse trabalho.
Ao time que colocou as
mãos nesse livro, João
Pedro, Sandra e Aline, pela
dedicação que elevou o feito.

Escreveria outra monografia
para meus agradecimentos. Ao
invés disso gostaria de guiar a
leitura daqueles que me deram
seu tempo para me escutar
falando desse sonho: vocês
estão em todas as páginas
desse livro, a conexão e
gratidão estão aqui impressas.

Uganda, Kikajjo

Uganda me deu apertos de mão
fortes e duradouros

Uganda me deu caminhadas
em meio a multidões que
antes era inseguro, agora é
segurança

Uganda me deu viagens de
boda com o melhor gosto de
liberdade

Uganda me deu mãos, braços,

ombros e costas mais fortes

Uganda me apresentou o saber
fazer muito com pouco

Uganda me deu quilos, e me
fez sentir bem com o ganho,
porque é bonito

Uganda me fez reconhecer os
meus privilégios

Uganda me fez perceber que
nem tudo o que o coração
sente precisa ser traduzido
pela mente

Uganda me fez sentir a repre-
sentatividade que cada um
carrega

Uganda me fez reconhecer a
opressão, inclusive em mim, às
vezes só de estar

Uganda me fez entender o
racismo institucionalizado

Uganda me apresentou o co-
letivo @nowhitesaviors (bus-
quem, é necessário), que tem
me ensinado muito

Uganda me fez parar, e não
fazer, só observar a aprender
Uganda me fez ser aluna antes
de almejar ser professora

Uganda me mostrou que a
minha visão de mundo é só o
meu ponto de vista

Uganda me fez sentir que não
precisamos falar a mesma
língua para conversar, não
precisamos nem falar

Uganda me mostrou que a
criança é livre, mas a infância
pode ser oprimida

Uganda me fez enxergar
que a mudança está nas mãos
das crianças

Nas mãos das meninas mas
também na nova educação
de meninos

Uganda me fez ver o poder da
religião

Uganda me fez ver a escolha e
riqueza que é a cultura

Uganda me fez respeitar o outro

Uganda me fez entender o que
é de cada lugar é de cada lugar

Uganda me mostrou a dança
infinita e livre

Uganda me deu noites de
muito cansaço mental e físico

Uganda me deu manhãs
regeneradoras

Uganda me fez sentir que uma
mulher é uma mulher, e todo
o mundo que carrega em suas

costas, barriga e cabeça

Uganda me fez admirar as
mulheres e admirar a mulher
que eu sou

Uganda me mostrou que o
olhar no olho é se apresentar,
sem ter o que perder

Uganda me fez sentir a energia
de estar em uma terra que é mãe

Uganda me apresentou Kikajjo

Kikajjo me deu paciência
Kikajjo me ensinou a abrir a
porta para quem quiser entrar
Kikajjo me mostrou o senso de
comunidade
Kikajjo me ensinou a lidar com
as minhas angústias internas
Kikajjo me ensinou a hora de
falar e hora de me calar
Kikajjo me apresentou a neces-
sidade e a adaptabilidade
Kikajjo me mostrou a
articulação
Kikajjo me me mostrou o que é
compartilhar
Kikajjo me mostrou a cautela
com o outro
Kikajjo me deu irmãs e irmãos,
tudo quanto é parente
Kikajjo me apresentou outra
forma de ser família
Kikajjo me ensinou a usar o
caleidoscópio da vida

Kikajjo me fez entrar num
caminho de reconhecimento
profundo e interno. Onde tudo
é uma pergunta e que talvez
nem tenha resposta, mas estar
consciente... O desconforto faz
parte e é ferramenta de força
do dia a dia. Fez me aproximar
mais do meu eu, me reconhe-
cer mulher, me reconhecer
branca, me reconhecer como
brasileira, e reticências que
eu tento abraçar todos dias.
Duvidas, indas e vindas, gran-
des vindas.

Tudo dado, mas nada é meu.
Só veio como muita coisa vem.
Eu só tenho a agradecer e se
for de utilidade aos desejos
locais – quero poder dar.
Não vou concluir, porque não
tem conclusão, isso também
aprendi: apenas ser, deixar ser.
Só agradeço, com o todo corpo
vibrando, pensando em tantos
pares de olhos. Muita força, fé,
foco e disciplina.
A transformação é aqui e
agora. Agradeço e amo.

2018-19

Prefácio

A pesquisa desenvolvida como Trabalho Final de Graduação é consequência da minha constante busca pessoal por encontrar afeto nos projetos de arquitetura; e, é claro, na vida. Acrescento, também, a busca pelo entendimento do que é ser humano – minha genuína paixão –, como são os seres humanos e suas infinitas formas de exercer o viver. No entanto, esta última busca, acredito ser eterna e fluída, portanto, não se conclui em um trabalho de graduação. A primeira busca decerto encontro com o afeto, e ele está expresso em todas as etapas do processo projetual da Casa de Jajja.

A pesquisa documenta todo o processo de concepção do projeto intitulado *A Casa de Jajja*. Mediante o envolvimento no Projeto *Escola em Uganda*, mais especificamente no desenho arquitetônico da escola St. Mary em Kikajjo, um vilarejo em Uganda, África, aconteceu uma maior aproximação com essa realidade rural, salientando a necessidade de uma casa para Jajja. A fim de investigar o desenho baseado nos recursos e técnicas locais é que proponho um trabalho de campo, fazer arquitetura *in loco*, baseada no contexto e em suas possibilidades.

Em abril de 2017 tive a primeira vivência em Kikajjo, no qual o projeto *Escola em Uganda* visa reformular pedagogicamente e fisicamente a escola St. Mary. A escola foi fundada há três anos pela ONG local TORUWU (*Training of Rural Women in Uganda*) e oferece educação a 101 crianças que se encontram em situação de extrema pobreza (renda mensal das famílias de 36 dólares por mês).

O projeto é coordenado por Elisa Pires, psicóloga brasileira, grande adepta da educação como ferramenta de libertação. Junto das lideranças locais e voluntárias, Elisa desenvolve o projeto com base na psicologia social comunitária, em que as ações são elaboradas a partir da vivência no cotidiano da população. Atuamos para reconstruir a escola St. Mary por meio do incentivo ao pensamento crítico, com o objetivo de que a escola fosse um dos espaços de potência para as transformações que a comunidade busca alcançar.

Inicialmente, me voluntariei na área de arquitetura, para colaborar no desenho da nova construção. Em seguida, desenvolvemos, Elisa e eu, um Programa de Imersão para alunas e alunos de arquitetura. Essa imersão, com duração de três semanas em Kikajjo, tinha a intenção de coletivamente, liderados pela comunidade, solucionarmos construtivamente uma demanda. A primeira edição do Programa aconteceu durante os meses de julho e agosto de 2018, quando construímos a biblioteca comunitária. Foi por intermédio desse envolvimento que começou a aproximação e conexão com a comunidade de Kikajjo.

A estrutura social em Uganda está baseada na agricultura e as mulheres são 70% da força laboral nessa área, no entanto possuem menos de 20% de propriedade da terra. Em 2014, uma pesquisa consultou os habitantes do país sobre os principais problemas e injustiças que persistiam em sua opinião e gerou a discussão de que o mais crítico seria sobre a desigualdade na propriedade de terras de cultivo, a principal atividade econômica das mães, uma vez que lhes permitia gerar recursos para sustentar seus filhos.

Uma situação comum e que representa esse contexto, no qual as mulheres raramente têm direito à propriedade, é a história de Jane Zamakunda que, após passar quase vinte anos com seu parceiro, um homem de quase o dobro de sua idade que a engravidou aos quinze anos, com quem já tinha três filhos, um dia voltou a sua casa e encontrou-a totalmente vazia, onde teve que dormir no chão com seus filhos porque o pai deles a abandonou e levou tudo. O mesmo parceiro que, após abandoná-la, vendeu a casa a estranhos que a tiraram de lá por meio de ameaças de morte a ela e seus filhos; a mesma casa que ajudou a construir com suas próprias mãos (UGANDA, s.d.). Em Kikajjo, o trabalho desenvolvido pela ONG local TORUWU – justificado por situações como a supramencionada – tem enfoque nas mulheres do vilarejo. Seus projetos visam capacitar a população feminina em distintas áreas para que elas tenham as ferramentas necessárias para serem economicamente autônomas. A escola, na qual o *Projeto Escola em Uganda* trabalha, foi um pedido das mães de Kikajjo, pois tinham a prioridade de educar seus filhos, mesmo não tendo as devidas condições.

O *Projeto Escola em Uganda* e a ONG TORUWU exercem um trabalho colaborativo, participativo, transdisciplinar, no qual se acredita que todos os seres humanos munidos de infraestruturas, que os possibilite fazer escolhas, têm o potencial de transformar sua realidade. Observar e participar de tais ações me inspiraram a respeito de qual tipo de desenvolvimento da sociedade quero fazer parte e como fazê-lo.

Por meio do trabalho com o *Projeto Escola em Uganda* e TORUWU, me aproximei de uma senhora que tem uma grande presença em Kikajjo. O vilarejo é composto em sua maioria por mulheres e a longevidade da população é baixa, aproximadamente 55 anos. As mulheres têm uma longevidade maior, ou seja, na faixa-etária mais alta há quase que somente senhoras, e não senhores, no vilarejo. Essas senhoras são chamadas de “Jajjas”, que significa avó em luganda, dialeto local.

A forte presença é de Jajja Imaculate, uma senhora de 75 anos, avó de sete pessoas, porém toma conta de duas netas Rose (14 anos) e Gift (6 anos). Enquanto tem uma carga diária de trabalho de catorze horas, cuidando da casa de Augustine, fundador de TORUWU, com salário de 12,50 dólares mensais. Jajja é uma das grandes personalidades religiosas dos vilarejos locais, faz parte da gestão da Igreja de Kasenge, vilarejo vizinho onde também dá aulas de religião. Rose quando chega da escola, às cinco horas da tarde já começa a ajudar a avó nas tarefas de casa, trabalho que tem se intensificado pela idade da avó e o envolvimento na Igreja. É comum que as jovens em vilarejos rurais já tenham responsabilidades dentro da casa desde muito novas.

Jajja Imaculate compartilhou, quando lhe foi perguntado, que o seu maior objetivo, aos 75 anos de idade, era construir uma casa para poder cuidar de suas netas e descansar. No momento, ela aluga um quarto de 9m², compartilhado com suas netas e paga 8,75 dólares mensais. Desde o primeiro contato fiquei maravilhada em ver como Jajja Imaculate e as mulheres de Kikajjo superam, com tanta força e vivacidade, a sua dura realidade.

O que não me espantou foi que, após ter participado de congressos em Uganda sobre projetos de empoderamento feminino e palestras de mulheres líderes em vilarejos rurais por toda a África, a situação se repetia por todos os lados, todos os lados do mundo. Aprofundando mais no assunto, quando se trata da situação das mulheres em zonas rurais, as organizações que lutam pelos direitos das mesmas (*Unwomen, One*, entre outras) sequer conseguem colher dados suficientes para demonstrar a discrepante desigualdade entre gêneros e as dificuldades que elas passam. Se não há dados, como possivelmente pode haver a escuta dessas vozes?

A organização londrina ACWW (*Association Country Women of the World*), uma das responsáveis por um dos congressos em que estive presente, estava desenvolvendo um projeto com o objetivo de criar uma base de dados sobre as mulheres em situação rural por todo território africano. No entanto, fica evidente que, em questão de representatividade e direitos garantidos, as mulheres rurais são as que tem suas vozes menos escutadas, principalmente por estarem em zonas remotas, além de outros aspectos culturais.

Após a experiência em Uganda ter sido iniciada e frente à fase de desenvolver uma pesquisa na universidade, o trabalho final de graduação, tive uma experiência que adicionou outra perspectiva para esta etapa. Durante seis meses do ano de 2018, me mudei para o Quito, Equador, para trabalhar com coletivo de arquitetura equatoriano, Al Borde, no qual participei de práticas colaborativas e participativas, envolvendo comunidades e alunos de arquitetura. Vivi durante esses meses, na prática, o que romantizei durante os meus quatro anos como aluna do curso de Arquitetura.

Comprovei a importância do aprender fazendo e, também, como poderia ser rica a relação entre a academia e a realidade. Além de ressaltar a importância da conexão entre as universidades com as demandas reais, também foi instigada a reflexão sobre o que arquitetura está apta a propor, compondo um grupo de áreas interdisciplinares para apresentar algo coerente. Foi nessa reflexão que encontrei mais um degrau para aprofundar-me na busca sobre qual é a real função da arquitetura, para mim.

Gostaria de destacar como o *Projeto Escola em Uganda* demonstrou que uma proposição sob um olhar unidisciplinar para a solução de uma demanda não resolve as necessidades como um todo; porém, uma visão holística, que articule conhecimentos distintos para propor soluções, pode ter mais chances em suceder.

A arquitetura faz parte de um grupo de ações que resolvidas pontualmente, talvez não melhorem em nada a situação da realidade, pelo contrário, pode piorar. No entanto, talvez a arquitetura possa articular e intensificar relações gerando projetos que incentivem trocas de conhecimentos e experiências. Refletindo sobre isso surgiu uma inquietação: após os primeiros vínculos com o local terem sido estabelecidos, colocando-me a serviço de uma demanda social, como eu, uma arquiteta, compreenderia a realidade para então fazer uma proposição que fosse, realmente, uma solução?

“Ensina-me a viver da sua maneira para eu poder ver o mundo através do seu entendimento.” Juan Downey, um arquiteto chileno que, nos anos setenta, aproximou-se do povo Yanomami no Amazonas; analisa sua própria obra construída no Deserto do Atacama e na Amazônia Peruana; e finalmente tira lições das arquiteturas tradicionais, desde os entornos típicos aos bairros periféricos. Por meio de sua fala sugere uma imersão na realidade a ser trabalhada, para que assim haja uma possibilidade de análise que fundamente uma proposição coerente. A partir desse raciocínio proponho que a imersão por si só não é a solução, mas sim parte de um processo que envolve a participação das pessoas que vivem aquela determinada realidade, desde a etapa de concepção do projeto, gerando, assim, um desenho de todos para todos, um processo colaborativo e participativo.

No entanto, mesmo fazendo um trabalho de campo e unindo as pessoas para conceberem juntas percebi o quanto, como pesquisadora, o meu olhar estava apto a enxergar, apenas, sob uma perspectiva. Eu só era capaz de ver através dos meus olhos. Busquei auxílio sobre esse desconforto na teoria sobre o perspectivismo ameríndio, para tanto me aprofundei nos livros do antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro (1996, p. 1). Em particular, como muitos antropólogos já concluíram (embora por outros motivos), a distinção clássica entre Natureza e Cultura não pode ser utilizada para descrever dimensões ou domínios internos a cosmologias não-ocidentais sem passar antes por uma crítica etnológica rigorosa.

Tal crítica, no caso presente, impõe a dissociação e redistribuição dos predicados subsumidos nas duas séries paradigmáticas que tradicionalmente se opõem sob os rótulos de “Natureza” e “Cultura”: universal e particular, objetivo e subjetivo, físico e moral, fato e valor, dado e instituído, necessidade e espontaneidade, imanência e transcendência, corpo e espírito, animalidade e humanidade, e outros tantos. Esse reembaralhamento etnograficamente motivado das cartas conceituais leva-me a sugerir a expressão “multinaturalismo” para designar um dos traços contrastivos do pensamento ameríndio em relação às cosmologias “multiculturalistas” modernas: enquanto estas se apoiam na implicação mútua entre unicidade da natureza e multiplicidade das culturas – a primeira garantida pela universalidade objetiva dos corpos e da substância, a segunda gerada pela particularidade subjetiva dos espíritos e dos significados –, a concepção ameríndia suporia, ao contrário, uma unidade do espírito e uma diversidade dos corpos. A “cultura” ou o sujeito seriam aqui a forma do universal, a “natureza” ou o objeto a forma do particular.

O primeiro desconforto foi acolhido pelo olhar e fundamentação do antropólogo supracitado. O segundo desconforto em relação a representatividade e lugar de fala, faço uso dele como um termômetro de responsabilidade na escrita, reconhecendo a cada dia a minha representatividade. Ser uma mulher, branca, brasileira, de classe média alta, trabalhando com educação e pesquisando sobre as mulheres em vilarejos rurais, me fez compreender o meu horizonte e o tamanho do abismo histórico que criamos mediante a desigualdade social existente no mundo. Nessa pesquisa, não tenho a intenção de falar pelas mulheres, mas de abordar o assunto da moradia e da construção investigando possibilidades técnicas construtivas que reivindiquem o *status quo*.

Fazendo as devidas correlações para chegar na proposta, foi por meio de uma relação de sinceridade e transparência com os agentes envolvidos que estudei as possibilidades de soluções para a demanda da Casa de Jajja. Um trabalho de campo e de aproximação com Jajja, TORUWU e com as mulheres de Kikajjo por meio do *Projeto Escola em Uganda* como agente social no território.

Ao fazer um diagnóstico daquele local e depois de muitas conversas com a Jajja, pude compreender as possibilidades para um projeto. Conversar com os participantes da ONG TORUWU e com as mulheres de Kikajjo foi essencial para averiguar a necessidade e estímulo de oficinas para capacitação de mulheres na área da construção; para depois, juntas, questionarmos, por intermédio da prática, o *status quo* da propriedade e questões de gênero.

Foi desenvolvido, portanto, um projeto arquitetônico de acordo com as possibilidades e materiais locais; com o intuito de, futuramente, viabilizar sua construção. O planejamento da obra foi concebido e finalizado por meio de um manual, para que, assim, a informação seja democratizada e tenha utilidade futura, ali ou em outros territórios, sempre considerando as interpretações culturais.

Em suma, após o aprendizado adquirido com o trabalho de campo realizado no *Projeto Escola em Uganda* por meio da psicologia social comunitária; depois da experiência com o coletivo equatoriano Al Borde do fazer para aprender; e, também, com o conhecimento obtido sobre a antropologia e etnografia, mediante as leituras de Eduardo Viveiros de Castro, elaborei uma metodologia de trabalho e pesquisa para abordar como o tema de projeto escolhido: A Casa de Jajja.

Por intermédio da pesquisa empreendida para este Trabalho Final de Graduação, tenho a expectativa de iniciar uma prática profissional com a aptidão de formular propostas de inclusão social. Acredito que a pesquisa é relevante por documentar um processo no qual a academia esteja conectada com a realidade e que abarque a demanda de novos sistemas na arquitetura ou possibilite novas leituras da arquitetura e do urbanismo. Além disso, procuro discutir sobre uma concepção projetual que responda às questões urgentes de contextos distintos que se replicam pelos mais diversos lugares frente à situação contemporânea do mundo e da profissão.

13

06	Prefácio	32	Capítulo 1 Vivência
12	Introdução	34	1.1 A casa de Jajja e o trabalho de campo JUN a OUT 2018
14	A Escala Global		O território e suas possibilidades As Casas e suas usuárias Aproximação com liderança e colaborações locais
	O projeto Escola em Uganda: o agente social e a psicologia social comunitária Academia × Realidade: as motivações Arquitetura produto × Arquitetura processo As Mulheres Rurais	56	1.2 Estudos de casos: análises projetuais
22	A Escala Local		Escola primária em Karamoja Pavilions for Okana Casa de las camas en el aire
	Uganda, África Kikajjo, Kampala Jajja Imaculate		

14

Sumário

62	1.3 A casa de Jajja	98	Capítulo 2 Construção
	Processo conjunto: Oficinas com Nannono Imaculate	100	2.1 Semana de Integração: Trabalhar com mais leveza
	Os parâmetros locais: o bioclima		
	Desenho Preliminar	108	2.2 O Projeto Final
82	1.4 A casa de Jajja e o trabalho de campo JAN a FEV 2019	112	2.3 O Orçamento
		114	2.4 O Financiamento
	Oficina de críticas com Jajja	116	Referências
	Terrenos		Anexo:
	O protótipo		O Sistema construtivo: manual de construção

16 *Introdução*



A Escala Global

O Projeto Escola em Uganda: o agente social local e a psicologia social comunitária

A pesquisa se iniciou pela identificação de uma demanda, a qual foi identificada e analisada mediante o envolvimento no *Projeto Escola em Uganda* (Figura 1). O projeto aconteceu em Kikajjo, vilarejo rural de Uganda no leste da África, visando reformular pedagogicamente e reconstruir a escola St. Mary's, uma escola comunitária fundada pela ONG TORUWU (*Training of Rural Women in Uganda*) que oferece educação a 101 crianças que se encontram em situação de vulnerabilidade social. As ações do projeto foram baseadas na Psicologia Social Comunitária. Foi muito interessante perceber como essa teoria orientou todas as ações, desde a esfera da pedagogia até a arquitetura, foco dessa pesquisa.

Tipicamente, os trabalhos comunitários partem de um levantamento das necessidades e carências vividas pelo grupo-cliente, sobretudo no que se refere às condições de saúde, educação e saneamento básico. Em seguida, utilizando-se métodos e processos de conscientização, procura-se trabalhar com os grupos populares para que eles assumam progressivamente seu papel de sujeito de sua própria história, conscientes dos determinantes sociopolíticos de sua situação e ativos na busca de soluções para os pro-

blemas enfrentados. A busca pelo desenvolvimento da consciência crítica, da ética, da solidariedade e de práticas cooperativas ou mesmo autogestionárias, a partir da análise dos problemas cotidianos da comunidade, marca a produção teórica e prática da Psicologia Social Comunitária. De acordo com Elisabeth de Melo Bonfim e Marília Novais da Mata Machado (1987, p. 04), a perspectiva da psicologia social comunitária enfatiza:

Em termos teóricos, a problematização da relação entre produção teoria e aplicação do conhecimento: parte-se do pressuposto de que o conhecimento se produz na interação entre o profissional e os sujeitos de investigação. Utilizando-se a conceituação do papel dos intelectuais de Gramsci, pode-se dizer que os psicólogos atuando em trabalhos de psicologia social comunitária desempenham o papel de intelectuais tradicionais, na medida em que organizam o saber já constituído pela psicologia social, e se encarregam de transmiti-lo, mas visando a formação de intelectuais orgânicos, isto é, sujeitos capazes de sintetizar o ponto de vista da comunidade e de coordenar processos de transformação do instituído;

Em termos de metodologia, utiliza-se sobretudo a metodologia da pesquisa parti-



Figura 1. Programa de Imersão, Projeto Escola em Kikajjo, Uganda. 2018. Fonte: Acervo pessoal

cipante, na qual o pesquisador e os sujeitos da pesquisa trabalham juntos na busca de explicações para os problemas colocados, e no planejamento e execução de programas de transformação da realidade vivida;

Em termos de valores, os trabalhos de psicologia comunitária enfatizam sobretudo a ética da solidariedade, os direitos humanos fundamentais e a busca de melhoria da qualidade de vida da população focalizada. Ou seja, questiona-se a visão da ciência como atividade não valorativa, e assume-se ativamente o compromisso ético e político. Em termos éticos, busca-se trabalhar no sentido de estabelecer as condições apropriadas para o exercício pleno da cidadania, da democracia e da igualdade entre pares. Em termos políticos, questionam-se todas as formas de opressão e de dominação, e busca-se o desenvolvimento de práticas de autogestão cooperativa.

Certamente foi de grande relevância para a pesquisa a vivência no projeto da escola, principalmente por dois motivos. Em primeiro lugar para notar o quanto fundamental é a análise através da psicologia em qualquer território de trabalho social, pois possibilita enxergar a importância do conhecimento e análise dessa esfera de conhecimento para um trabalho propositivo, valorizando um grupo de profissionais interdisciplinares. Para Arturo Escobar, antropólogo colombiano (2016, p. 50-52)

O design está inextricavelmente ligado às decisões sobre o tipo de vida que vivemos e os mundos onde os vivemos. Estamos em um momento em que as atividades projetuais estão se abrindo mais para campos das ciências humanas, tais como a geografia e a antropologia, de modo que profissionais vêm aplicando novos métodos [que] enfatizam a investigação nas fases iniciais do processo, com o designer como facilitador e mediador ao invés de um especialista; concebendo o design como eminentemente centrado no usuário, participativo, colaborativo e radicalmente contextual; eles tentam tornar inteligíveis e conhecedores os processos e estruturas que nos cercam, para induzir aos usuários uma alfabetização ecológica e de sistemas; etc. Acima de tudo,

[...], há uma tentativa de construir visões culturais alternativas como motores da transformação social através do design.

Em segundo lugar, foi uma intensa reavaliação sobre os processos de concepção do projeto arquitetônico, incitando uma reflexão sobre o fato de que, em diversas vezes, se observa a ausência de um trabalho de compreensão e conexão com a comunidade, ou seja, não há um vínculo para quem/ com quem será desenvolvido o projeto. De onde se parte ao fazer um projeto de arquitetura? Sendo assim, se não como prioridade a observação e articulação com núcleo social atingido, para quem estamos trabalhando? Qual prática estamos buscando? De acordo com Bruna Montuori (2018, p. 52-54):

Antes de engajarmos puramente em atitudes propositivas, é necessário reconhecer a alteridade existente nas trocas e colocar a nossa perspectiva como projetista sob parâmetros de igualdade em que todos os diferentes tipos de inteligência são legitimados com o mesmo valor, tal qual foi abordado pelo filósofo francês Jacques Rancière (2002). 'Compreender a alteridade está na capacidade de reconhecimento do outro, de maneira que os diálogos sejam horizontais tanto no lado de cá quanto de lá, ainda que as forças de poder tenham que ser repensadas. O designer Gui Bonsiepe (2011, p. 38) sugere que a alteridade é a "palavra que significa colocar-se no lugar do outro na relação interpessoal, com respeito e consideração, valorização etc. É um princípio filosófico que significa trocar seu próprio ponto de vista pelo do outro.'

Academia × Realidade: as motivações (*Design-build Studios*)

Algumas escolas de arquitetura criaram os chamados *Build-Studios* com um conceito claro: os alunos projetam e realizam projetos para regiões remotas ou cidades densas que precisam resolver problemas de infraestruturas ou sociais. O processo de projeto e a construção da vida real são feitas em estreita cooperação com a população local. Isso oferece aos alunos experiências práticas valiosas sobre diferenças culturais e eles aprendem como lidar criativamente com isso. Além de desenvolverem um processo de concepção que coloquem o social como prioridade e a técnica construtiva se atrele com o comprometimento ao acerto.

A troca de conhecimento desempenha um importante papel e o objetivo principal deve ser motivar uma ação que incentive a troca de saberes visando desenvolver habilidades para um futuro independente. É imperativo que tais projetos nunca ofereçam soluções unidirecionais, como a transferência de tecnologia, isto é, transportar máquinas para um país em desenvolvimento. Considerando a relação entre países industrializados e parceiros em desenvolvimento como doadores e receptores imporiam obrigação de que as áreas em desenvolvimento atuassem de acordo com as mais industrializadas. Isso não incentivaria uma troca horizontal de conhecimento e habilidades independentes.

Os *Design-Build-Studios* podem ser um meio poderoso para combinar educação arquitetônica com a sociedade por meio de intervenções construídas, pois exigem um pensamento consciente sobre restrições de recursos e tecnologias. É uma ótima fonte de novas experiências e *insights* para estudantes e associados discentes. Os projetos exigem que os participantes pensem de maneira pouco convencional, demonstrando compreensão e abertura para a cultura estrangeira. O objetivo desses estúdios é atuar como catalisadores para a região onde atuam, tendo os usuários como prioridade. Um *Design-Build-Studio* é um processo de aprendizagem mútuo e ajuda a trazer uma reflexão sobre a arquitetura, seu desenvolvimento e sustentabilidade.

Embora os projetos de construção representem oportunidades, é importante manter uma postura

crítica quando há uma interação entre países altamente industrializados e em desenvolvimento. Felizmente existem, também, muitos projetos de sucesso que fornecem lições valiosas. Como por exemplo o Burkinabe, com sede em Berlim, de Francis Diébédo Kéré, é o arquiteto da escola sendo uma brilhante ilustração desse pensamento. Juntamente com a construção da escola para a aldeia (*Figura 2*), em que ele nasceu, ele faz toda a comunidade avançar rumo a um objetivo comum e participar do processo de construção. Desde o começo, Kéré incentiva que as pessoas façam parte do projeto, aumentando o nível de identificação e os entende como parceiros iguais. Seus edifícios atuam como modelos exemplares para projetos bem-sucedidos e retratam fonte de inspiração para muitos arquitetos que buscam uma maneira de começar a se envolver neste setor da relação da arquitetura contemporânea e territórios vulneráveis.

O *Rural Studio* na Universidade de Auburn (*Figura 3*), Alabama, ou o primeiro ano do projeto na Escola de Arquitetura de Yale, ambas universidades norte-americanas, são exemplos persuasivos e incontestáveis de estúdios de sucesso que incorporam essas preocupações em suas matrizes curriculares.

Um número crescente de renomados arquitetos, de diferentes partes do mundo, vem se dedicando a projetos de desenvolvimento social em territórios vulneráveis, esses arquitetos realizam tais façanhas ao mesmo tempo em que, diariamente, reinventam o mundo contemporâneo. Dentre os exemplos mais relevantes e recentes, podemos citar: o Centro de Oportunidades para Mulheres de Sharon Davis (*Figura 4*), realizado em Ruanda no ano de 2013; e a nova Residência Artística no Senegal projetada pela arquiteta japonesa Toshiko Mori, construída em 2015.



Figura 2. Pátio da Escola Gando em Burkina Faso – projeto do arquiteto Diébédo R. Kéré, 2012. Fonte: Kéré Architecture.



Figura 3. Casa de Rose Lee – Footwash, Alabama – Rural Studio, 2019. Fonte: Rural Studio.



Figura 4. Centro de oportunidades para mulheres – Ruanda – Sharon Davis, 2013. Fonte: Sharon Davis

Arquitetura produto × Arquitetura processo

Durante a faculdade de Arquitetura e Urbanismo foram cinco anos de muitos aprendizados, além de uma dedicação intensa. Aprendemos, por meio de diversos profissionais e suas práticas, sobre dinâmicas do espaço, técnicas construtivas, sistemas intrínsecos à construção e muitos outros conhecimentos relevantes para a área.

O trabalho final de graduação, exercício em que a escolha do objeto arquitetônico a ser projetado é livre, foi entendido como momento de reflexão e avaliação sobre o aprendizado a ser aplicado nessa pesquisa. Foi, então, que surgiram várias questões: qual foi a arquitetura que tinha sido ensinada; qual era a arquitetura que havia sido almejada a ser produzida; e, qual era a imagem de sucesso profissional que tinha sido introjetada?

Era o momento de refletir, também, sobre o que seria uma boa arquitetura. Sem pretensões, apenas um mergulho no futuro. Comecei então, naquela ocasião, a unir todo o conhecimento aprendido na academia com as experiências externas. A prática do coletivo *Escola Sem Muros* foi uma das utilizadas para me espelhar e responder a reflexão.

Tomaz Lotufo, um dos integrantes do coletivo *Escola Sem Muros*, em sua fala durante o *1º Ciclo de Palestras Positiv.A: Como tornar sua vida mais positiva* (2017), colocou que a arquitetura que estava sendo praticada, a tradicional, não estava contribuindo e essa contribuição era necessária. Para isso, o arquiteto diz que é necessário sair do lugar comum, observar o contexto. Cada território tem determinadas características, determinados materiais e como prioridade, dos territórios, além dos recursos naturais, há pessoas. Essas pessoas tem uma determinada forma de compreender esse contexto. Sendo assim, a arquitetura deve refletir tal contexto. Acrescenta que a proposição arquitetônica, ao olhar o contexto como um todo, pode ainda gerar sistemas que produzam um excedente de partilha, seja de conteúdo imaterial – aprendizado – seja de conteúdo de partilha – produções. Tal dinâmica, tal abordagem da arquitetura como processo tem o potencial de gerar trocas e intensificar relações.

Em uma notícia do site ArchDaily o coletivo explica:

O Escola Sem Muros surge de um desejo por outras práticas possíveis e formas alternativas de aprender e se relacionar: com o outro, com os muros da cidade, com o potencial educador existente em cada território e sujeito. Pessoas que se juntaram por um propósito comum: ir além das barreiras físicas, sociais e políticas; abrir brechas na brutalidade urbana e nos formatos educacionais que segregam mundos. Sua metodologia é baseada na aproximação (valorização da identidade local), construção (o canteiro de obra como plataforma de aprendizado) e cuidado (gestão compartilhada de espaços públicos e estruturas de cuidado), propondo um processo de educação integral (ARRUDA, 2018, n.p.).

O grupo é um coletivo de arquitetura e multicultural urbana que busca produzir conhecimento colaborativamente a partir da realidade, e, também, democratizar ferramentas para a construção da autonomia. Os integrantes acreditam em uma prática arquitetônica processual, participativa, estética, ética e política; na qual importam os agenciamentos, o processo e os modos de produção (que não é só material, mas reflexo de quem faz, de quem usa, de como é feito e porquê). Sua atuação teve início, em 2014, por meio do processo participativo que visava projetar o Espaço Cultural Jardim Damasceno (*Figura 5*), localizado na Brasilândia, zona Norte de São Paulo.

O coletivo expõe sua visão da arquitetura e onde está uma de suas maiores belezas: o processo. Valoriza-se, neste projeto, o espaço entre o desejo e o uso, o construir e habitar. Um projeto sensível, que veste a estrutura existente, reforçando-a e abrindo um eixo de conexão entre a cidade (Jardim Damasceno) e a natureza (Parque Linear do Canivete).

O projeto da nova estrutura para o Espaço Cultural é visto como um meio de valorizar, por meio da linguagem arquitetônica, a iniciativa das pessoas que ali estão sustentando este espaço por tanto tempo, além de uma oportunidade de mobilizar a comunidade local para se reapropriar do lugar: uma construção física como um meio para uma construção social.

O *Programa de Imersão* desenvolvido em Uganda, por mim e Elisa, se baseou na metodologia criada pelo coletivo *Escola Sem Muros* para seu próprio programa de imersão (*Figura 6*), um programa político e pedagógico. Após ter feito parte de ambas as experiências, a primeira como facilitadora e a segunda como colaboradora, respectivamente, e observando o quão rico era dar valor à todas as fases do processo que gera um produto arquitetônico, escolhi aplicar tal lógica ao desenvolvimento da pesquisa. Como resolver uma demanda colocando o processo da arquitetura como o catalisador de relações e trocas?

As Mulheres Rurais

Mulheres e meninas desempenham um papel crucial na garantia da sustentabilidade das famílias e comunidades rurais, melhorando os meios de vida e o bem-estar geral. As mulheres representam uma proporção substancial da força de trabalho agrícola, incluindo o trabalho informal, e realizam a maior parte dos cuidados não remunerados e do trabalho doméstico dentro das famílias e agregados familiares nas áreas rurais.

Mesmo assim, mulheres e meninas nas áreas rurais sofrem desproporcionalmente da pobreza multidimensional. Enquanto a pobreza extrema diminuiu globalmente, as pessoas do mundo que continuam a viver em condições inaceitáveis de pobreza estão fortemente concentradas nas áreas rurais, um total de 1 bilhão de pessoas. As taxas de pobreza nas áreas rurais na maioria das regiões são mais altas do que nas áreas urbanas. No entanto, a agricultura de pequena escala produz quase 80% dos alimentos na Ásia e na África Subsaariana e apoia a subsistência de cerca de 2,5 bilhões de pessoas. Tais dados foram analisados pela ONU em 2018.

As mulheres agricultoras (*Figura 8*) podem ser tão produtivas e empreendedoras quanto suas contrapartes masculinas, mas têm uma desigual facilidade em acessar terras, crédito, insumos agrícolas, mercados e cadeias agroalimentares de alto valor e obter preços mais baixos para suas colheitas. Barreiras estruturais e normas sociais discriminatórias continuam a restringir o poder de decisão das mulheres e a participação política nas famílias e comunidades rurais.

Mulheres e meninas em áreas rurais carecem de acesso igual a recursos produtivos e ativos, serviços públicos, como educação e saúde, e infraestrutura, incluindo água e saneamento, enquanto grande parte de seu trabalho permanece invisível e não remunerado, mesmo com cargas de trabalho cada vez mais pesadas devido à migração dos homens. Globalmente, com poucas exceções, todos os indicadores de gênero e desenvolvimento para os quais existem dados revelam que as mulheres rurais se saem pior do que os homens rurais e mulheres urbanas, e que, desproporcionalmente, experimentam a pobreza, a exclusão e os efeitos das mudanças climáticas.

Os impactos da mudança climática, incluindo o acesso aos recursos produtivos e naturais, ampliam as desigualdades de gênero existentes nas áreas rurais. As alterações climáticas afetam os bens das mulheres e dos homens e o bem-estar de forma diferente em termos de produção agrícola, segurança alimentar, saúde, recursos hídricos e energéticos, migração e conflitos provocados pelo clima e desastres naturais relacionados com o clima.

As análises das bases de dados existentes foram verificadas no vilarejo de Kikajjo. O quadro pesquisado foi exemplificado de maneira muito nítida no vilarejo. A pesquisa então possui uma importância não somente local, mas também pode ter uma abordagem global, pois a situação crítica das mulheres rurais acontece por todas as partes do mundo.



Figura 5. Espaço Jardim Damasceno – Escola sem muros, 2018.
Fonte: Tomaz Lotufo

Figura 6. Espaço Jardim Damasceno – Escola sem muros, 2018.
Fonte: Tomaz Lotufo



Agricultoras em Rwamagana, Ruanda. 2017.Fonte: Banco Mundial/A'Melody Lee





Figura 8. Mulheres rurais do vilarejo de Polochic na Guatemala. Fonte: Un Women/ Ryan Brown



Agricultoras em Rwamagana, Ruanda. 2017.Fonte: Banco Mundial/A'Melody Lee

A Escala Local

Uganda,
África

Localização:
África centro-
leste, a oeste do
Quênia, a leste
da República
Democrática
do Congo

- **Área:**
- total: 241.038 km²
- land: 197.100 km²
- água: 43.938 km²
- comparação do país com o mundo: 82º

- **Limites terrestres:**
- total: 2.729 km
- países fronteiriços (5): República Democrática do Congo 877 km, Quênia 814 km, Ruanda 172 km, Sudão do sul 475 km, Tanzânia 391 km

- **Nacionalidade:**
Ugandandense
- **Grupos étnicos:**
(2014 est.)
- sacopara 16,5%
- banyankole 9,6%
- Basoga 8,8%
- bakiga 7,1%
- iteso 7%
- Langi 6,3%
- bagisu 4,9%
- Santidade 4,4%
- lugbara 3,3%
- outros 32,1%
- **Idiomas:**
- Inglês (língua oficial nacional, ensinado em escolas de grau, usado em tribunais de direito e pela maioria dos jornais e algumas transmissões de rádio)
- Ganda ou Luganda (mais amplamente utilizado das línguas Niger-Congo, preferido para as publicações de língua nativa no de capital e podem ser ensinados na escola)
- outras línguas do Níger-Congo, línguas nilo-saariana, Swahili, árabe

- **Religiões:**
- protestante 45,1% (anglicano 32,0%, pentecostal/nascidos de novo/evangélico 11,1%, Adventista do sétimo dia 1,7%, Batista.,3%)
- católico romano 39,3
- muçulmano 13,7%
- outros 1,6%, nenhum 0,2% (2014 est.)
- **População:**
(07/2018 est.)
- 40.853.749 habitantes
- **Pirâmide etária:**
- 0-14 anos: 47,84% (masculino 9.753.880/ feminino 9789455)
- 15-24 anos: 21, 4% (masculino 4.250.222/ feminino 4347313)
- 25-54 anos: 26,52% (masculino 5.422.096/ feminino 5412112)
- 55-64 anos: 2,64% (masculino 522.637/ feminino 554287)
- 65 anos ou mais: 1,96% (masculino 351.481/feminino 450.266) (2018 est.)

- **Crescimento populacional:**
- 3,18% (2018 est.)
- comparação com o mundo: 6
- Taxa de natalidade: 42,4 nascimentos/1.000 habitantes (2018 est.)
- comparação do país com o mundo: 5
- **Taxa de mortalidade:**
- 9,9 mortes/1.000 habitantes (2018 est.)
- comparação do país com o mundo: 40
- **Distribuição populacional**
A densidade populacional é relativamente elevada em comparação com outras nações africanas; a maior parte da população está concentrada nas partes Central e Sul do país, particularmente ao longo das margens do lago Victoria e Lago Albert; o Nordeste é menos povoado.

- **Urbanização:**
 - população urbana: 23,8% da população total (2018)
 - taxa de urbanização: 5,7% taxa anual de mudança (2015-20 est.)
- **População urbana:** (est. 2018)
 - 2.986 milhões em Kampala (capital)
- **Idade de maternidade:**
 - 18,9 anos (2011 est.)
Nota: idade mediana no primeiro parto entre as mulheres: 25-29 anos.
- **Taxa de mortalidade na maternidade:**
 - 343 mortes/100.000 nascidos vivos (2015 est.)
 - comparação do país com o mundo: 36º
- **Taxa de mortalidade infantil:**
 - total: 54,6 mortes/1.000 nascidos vivos
 - masculino: 63,3 mortes/1.000 nascidos vivos
 - feminino: 45,7 mortes/1.000 nascidos vivos (2018 est.)
 - comparação do país com o mundo: 22º
- **Taxa de água potável:** (2015 est.)
 - melhorado: urbano, 95,5% de população, rural, 75,8% de população. Total: 79% de população
 - não melhorado: urbano, 4,5% de população, rural, 24,2% de população. Total: 21% da população
- **Taxa de acesso a saneamento básico:** (2015 est.)
 - melhorado: urbano: 28,5% da população rural: 17,3% da população. Total: 19,1% da população
 - Não melhorado: urbano: 71,5% da população, rural: 82,7% da população. Total: 80,9% da população
- **HIV/AIDS:** (2017 est.)
 - 1,3 milhões de pessoas
 - comparação do país com o mundo: 7º
- **Alfabetização:** idade 15 e mais pode ler e escrever (2015 est.)
 - população total: 78,4%
 - homens: 85,3%
 - mulheres: 71,5%
- **PIB-composição, por setor de campo de origem listagem** (2017 est.)
 - agricultura: 28,2%
 - indústria: 21,1%
 - serviços: 50,7%
- **Produtos agrícolas:**
 - café, chá, algodão, tabaco, mandioca (mandioca, tapioca), batata, milho, milheto, pulsos, flores cortadas; carne de cabra, leite, aves de capoeira e peixe
- **Indústrias:**
 - processamento de açúcar, fabricação de cerveja, tabaco, têxteis de algodão; cimento, produção de aço
- **Acesso à eletricidade:** (2013)
 - população sem eletricidade: 32,1 milhões
 - população total: 22%
 - zonas urbanas: 55%
 - zonas rurais: 10%

Kikajjo, Kampala

O trabalho prático realizado para esta pesquisa aconteceu no vilarejo rural de Kikajjo (*Figura 9*). Na região, da qual Kikajjo faz parte, encontra-se um conglomerado de vilarejos; é um território em desenvolvimento e em momento de conurbação com a capital, Kampala.

Os dados referentes a Kikajjo e seus habitantes são muito escassos, no entanto junto com a ONG TORUWU, o *Projeto Escola em Uganda* começou um levantamento desses dados e perfis das famílias do vilarejo. As informações obtidas se referem ao escopo das famílias dos alunos da escola St. Mary.

Kikajjo: o vilarejo tem 3 mil habitantes, está localizado na zona rural, a 16 km da capital, Kampala. A geração de renda é feita através de pequenos comércios, agricultura e pecuária de subsistência.



Figura 9. Vilarejo de Kikajjo – 2018. Fonte: Isabela Almeida e Sandro Masseli

Crianças e famílias

A St. Mary é uma escola de ensino infantil e primário, atendendo crianças de 3 a 13 anos

- Crianças beneficiadas: 101
- 56% meninas e 44% meninos
- 35% se declara católico, 24% mulçumano, 16% protestante, 14% *born again*, 5% cristão, 3% adventista e 3% outros.
- As famílias comem apenas uma refeição por dia.
- Todas as crianças vão andando para a escola. 20% levam mais de 45 minutos.
- A maioria das famílias são compostas por cinco membros, porém moram sob o mesmo teto, em média 10 pessoas.
- A renda mensal das famílias é, em torno, de US\$ 40.
- Em quase a totalidade das casas fomos recebidos por figuras femininas (mãe, tia, avó), elas são as responsáveis por todo o cuidado com os filhos e o sustento da família.
- Ocupação dos cuidadores: os trabalhos não são formalizados. As mulheres se ocupam do trabalho doméstico, confecção de artesanato e agricultura de subsistência. Os homens se ocupam, também, da agricultura de subsistência e trabalham em construções.



Crianças do berçário da St.Mary. 2019. Fonte: Acervo pessoal.

- Nas visitas, quando chegamos nas casas das crianças, todas estavam realizando algum tipo de trabalho doméstico: lavando louça ou roupa, cozinhando, entre outras atividades.
- Quando perguntamos o que elas faziam nas férias, todas as respostas foram relativas ao trabalho doméstico: lavar, pegar água, comprar carvão, entre outras.
- Quando perguntadas o que fazem depois da escola, as respostas também foram todas relativas ao trabalho doméstico: lavar o uniforme, cozinhar, pegar água, entre outras atividades.

Jajja Nannono Imaculate

A primeira vez que estive em Uganda, foi quando conheci Nannono Imaculate, a Jajja (*Figura 10*). Em um primeiro momento ela não tinha um nome, ela era só avó, Jajja. Eu a vi saindo daquela pequena cozinha, local em que permanece a maior parte do tempo na casa onde trabalha. Rapidamente notei um conjunto de gestos quase que automatizados, que vinham de anos de experiência e prática com o trabalho manual tornando-os fascinantes, hipnotizadores. A Jajja em seu ritmo senhoril, tem uma presença especial, marcante; ela acerta tudo o que faz e sempre faz com maestria.

Para falar a verdade, além de toda a beleza nos gestos daquela senhora que vestia todos os dias cores muito vivas impressas em seus gomes (vestuário tradicional das mulheres) eu via, também, algo que me dava um certo medo. Cheguei lá com tanto amor para dar, com o meu tipo de amor para ofere-

cer, e muitas vezes a vi repreendendo severamente suas netas por coisas que pareciam banais. Mas foi na convivência diária, de correção em correção, principalmente com Gift, sua neta mais nova que adora não obedecer às regras e cruzar os limites, que pude enxergar o seu amor e dedicação à família.

O seu amor não estava no ato de não brigar e corrigir, permanecia em todas as outras ações rotineiras. No sapato sujo de terra, no cuidado com o uniforme da escola, no prato de comida com a quantidade proporcional de cada alimento de acordo com o gosto e capacidade de cada neta. O amor de Jajja estava no olhar que ela oferece ao outro. Às vezes eu buscava uma caneca no meio de todas aquelas louças empilhadas, lavadas, e a Jajja só de me observar aparecia com, exatamente, a caneca que eu procurava. Foi por esse tipo de cuidado, atenção e pequenas atitudes, que ela me cativou.



Figura 10. Nannono Imaculate. Kikajjo 2018. Fonte: Acervo pessoal.

Na segunda vez em que eu estive em Kikajjo, pude aproximar mais o meu olhar e observar tantas outras virtudes da Jajja. A casa onde ela trabalha, só de ver ela sendo uma pessoa que olha tanto o outro, dentro daquele ambiente que a exigia tanto todos os dias, me fez perceber que só dela estar ali eu já a admirava, e muito. E ainda dentro daquele ambiente, conseguia cuidar todos os dias de suas duas netas e de todos os outros moradores e visitantes, era demais.

Quando comecei a observar mais os hábitos de Jajja, pois já estávamos no processo de criação de sua casa, juntas, pude perceber que essa presença com que ela fazia tudo era amor e fé. Era a sua fé de que aquela era a melhor maneira de fazer aquilo. Caminhar pelo vilarejo com a Jajja, era também uma forma de entendê-la. Ela saía da casa, onde por meio de seus atos ela cuidava de todos; e, no vilarejo, o

seu caminhar parecia desabrochar essa força, como uma entidade que habita dentro dela.

Ela caminhava e as pessoas a paravam para cumprimentar e, se não parassem, ela fazia questão de parar e cumprimentar. Crianças, jovens, mulheres adultas e senhoras. Ela estava ali, com todos. Passo calmo, pois a borboleta gosta de voar, mas as vezes gosta de voar parada. Aproveitava seu tempo de voo. Porque quando ela voltava para a casa, parecia que voltava ao casulo, e aquela quase borboleta nutria uma árvore enorme.

Tiveram dois dias que me fizeram compreender melhor a Jajja. No primeiro, duas crianças seguravam uma criança menor e davam uma grande lição física na criança menor. A Jajja, vendo aquela injustiça, foi sem correr, em direção às crianças, sem repreender ninguém fisicamente. Não pude entender o que a Jajja falou, mas percebi que a situação se resolveu da



seguinte forma: com uma das crianças colocando a criança menor no colo e levando para a casa. E a outra criança mais velha com a cabeça contra a parede como se estivesse contando até dez em uma brincadeira, mas, na verdade, imagino que Jajja tenha mandado que ela fosse pensar ou rezar. E assim, tão reflexivamente, terminou aquela cena de covardia.

A segunda situação foi o dia em que convocamos as famílias das crianças da escola para irem a uma reunião com o intuito de mostrarmos o projeto da escola. Jajja colocou um de seus gomes, tão lindo, rosa choque, com uma linda fita amarela fosca. Foi a primeira a chegar e se sentou em um canto, perto da porta. Todas as mulheres e alguns homens que chegavam a viam sentada e iam até seus pés e ajoelhavam com muito respeito. Quando a reunião começou, houve um momento em que a representante das famílias foi lá na frente falar, e essa representante era a Jajja. Ela se colocou no centro, à frente a todos, e começou a fala e pontuar. Novamente, eu não entendia o que ela falava, mas falava com uma eloquência, em um tom sereno e assertivo, emanando uma grande fé. Ao fim de sua fala, ela se virou ao seu chefe, a pessoa que a emprega na casa, e ajoelhou-se a ele. Se ajoelhou a ele e ele nem se quer fez questão de olhá-la porque isso de certa forma, o diminuiria.

A Jajja é uma senhora de imenso espírito, leva uma vida que, eu acho, nunca vou conseguir compreender. Esse abismo de realidades me fez enxergar e senti-la de uma maneira presente, pois a tentativa de racionalizar as situações presenciadas me fez julgar, às vezes, de uma maneira romantizada; e, por outras vezes, encontrando uma crueldade que não é muito real.

Hoje, eu vejo uma mulher de muita força. Uma mulher extremamente católica que adora uma cerveja morna, com quem tenho o prazer de dividir uma Nile (cerveja local). 75 anos de muito amor em suas mãos. Sendo assim, deixo minhas desconstruções para a forma como eu ajo em relação ao outro, e para a Jajja, eu deixo meu coração e a observação do momento presente, que pulsa repleto de afeto e gratidão.

35



36 *Capítulo 01* *Vivência*

1.1 A casa de Jajja e o trabalho de campo

*Jul. a Out. de
2018*



Crianças da Escola St'Mary, Kikajjo. 2018. Fonte: Acervo pessoal.

**A casa de Jajja e o trabalho
de campo Julho a Outubro de
2018**

Em julho de 2018 fui a Uganda para iniciar o trabalho de campo. A primeira conversa com Jajja sobre a possibilidade de desenharmos uma casa foi muito aberta. Para mim, era muito importante que alinhássemos as expectativas e que ela soubesse que naquele período de tempo eu estava ali para pesquisar, compreender o território e principalmente para escutá-la.

Não foi tão fácil, precisamos conversar diversas vezes pois era uma situação única: uma estudante de arquitetura, falando sobre um trabalho de conclusão de curso que propunha a ela que desenhassem uma casa juntas. Foi importante perceber que é preciso ter cautela com a impressão, era necessário por muita sinceridade ao processo.

Não vou romantizar dizendo que o início foi uma sincronia de criação, pois não foi. Ela, inicialmente, não entendia qual era a finalidade da pesquisa, mas era importante continuar, não importava quantas vezes fosse necessário, alinhar as expectativas. Este capítulo conta sobre a experiência da coleta de informações e trocas para a concepção da Casa de Jajja. De qualquer maneira, nos juntamos em uma energia de motivação para atingirmos nosso objetivo.



Figura 11. Região de Karamoja. Fonte: Matoke Tours



O território e suas possibilidades

Para a compreensão da cultura construtiva do local foi analisada a história por meio da leitura de historiadores locais e da observação das construções. Com a intenção de observar as técnicas vernáculas foi necessário viajar até o norte de Uganda, devido a raridade desse tipo de construção hoje em dia no país.

A região visitada foi a região do Parque Nacional do Karamoja, onde ainda há populações que vivem em uma área remota com práticas tradicionais da cultura. As técnicas construtivas pós-colonização foram analisadas por meio do acompanhamento de algumas obras no vilarejo de Kikajjo: a construção da escola St. Mary, na qual o *Projeto Escola em Uganda* atua; e, as moradias dos habitantes de Kikajjo que estavam sendo construídas.



Figura 12. Mulher em Karamoja revestindo a cobertura de sua casa. Fonte: Cristian Mission Aid.

Recursos naturais: Materiais e técnicas locais

A viagem de Kikajjo até Karamoja leva em torno de oito a dez horas de carro, dependendo das condições da estrada. A visita foi feita por dois motivos: em primeiro lugar por saber da construção vernácula praticada na região e compreender como os povos tradicionais traduziam o ambiente em seus abrigos; em segundo, para conhecer a obra de uma escola comunitária sendo construída, também na região, pelo escritório de arquitetura Studio FH, que será abordada nos itens seguintes.

No percurso para chegar ao parque Nacional do Karamoja, quando se encontra em um ponto alto antes de descer para a área plana onde se encontram as comunidades, avista-se uma paisagem muito interessante. As montanhas rodeando o vale e em meio a vegetação de savana, é possível enxergar mesclando-se sutilmente com a vegetação, as construções, os *huts*. As cabanas e os muros feitos de galhos encaixam-se harmoniosamente com a paisagem, contribuindo com um horizonte ritmado.

A arquitetura vernácula é sinônimo da sociedade africana e, neste caso, de Uganda. O Sr. Nelson Abiti, etnógrafo conservador do Departamento de Museus e Monumentos, explicou que se chama de vernáculo porque os princípios de construção nunca foram escritos, mas sim passados de uma geração para outra por intermédio da prática (OMURUNGI, 2012).

Antes das cabanas, Joshua Kasalita (*apud* OMURUNGI, 2012, n.p.), engenheiro da Joshmark Contractors, diz que as pessoas dormiam em cavernas (pedras) ou ao redor de um local com fogo. “As pessoas escolheriam isso dependendo de quanta proteção poderiam obter deles”.

O Dr. Ephraim Kamuhangire, consultor do Patrimônio Cultural e Conselheiro Presidencial Sênior em assuntos culturais em Uganda, diz que o incêndio e as cavernas aconteceram em fases. Ele explica que foi durante o período da Idade da Pedra, quando as pessoas ficaram nas cavernas e florestas. Mais tarde, durante a Idade do Ferro, foi quando as pessoas começaram a descobrir o fogo e a construir abrigos (OMURUNGI, 2012).

“Eles instalaram abrigos temporários de capim ou fibra de banana. Isso foi feito dependendo de onde as pessoas viviam”, diz Kamuhangire (*apud* OMURUNGI, 2012). Mais tarde, passaram a usar o

trabalho de tecer como paredes, enquanto a grama e a fibra da banana agiam como os telhados.

Foi com a chegada dos comerciantes árabes que os ugandenses começaram a apreciar as estruturas permanentes feitas de barro e pau-a-pique. Kamuhangire diz que os edifícios foram posteriormente melhorados durante os tempos coloniais. Abiti concorda com isso e diz que a ideia de janelas foi aprendida quando os europeus chegaram (OMURUNGI, 2012).

Uma característica que era comum à arquitetura era a forma circular que eles tomavam e todos os materiais nunca foram importados, mas feitos localmente em todas as regiões. Ephraim Kamuhangire diz que tudo era indígena e não emprestado de fora. No entanto, durante as guerras de sucessão, os trocaram seus recursos uns com os outros (OMURUNGI, 2012).

Geralmente, as cabanas eram pequenas e simples na natureza, porque seriam ocupadas por uma única pessoa ou pelo máximo dois. Stephen Mukiibi, presidente da Escola de Arquitetura do Ambiente Construído da Faculdade de Engenharia, Design, Arte e Tecnologia da Universidade Makerere, explica que há muito tempo as pessoas usavam as cabanas para proteção. Elas só iam para as cabanas para dormir à noite (OMURUNGI, 2012).

As construções em Kikajjo

Quando se caminha pelos vilarejos rurais de Uganda é frequente ter a vista uma forma feita de terra, que se assemelha a um cupinzeiro gigante. Na verdade, essa forma são fornos para a queima dos tijolos produzidos localmente. As construções são feitas, em sua maioria, de alvenaria de tijolo de barro ou argila, queimados. A composição do tijolo varia dependendo do tipo de solo que há no terreno onde ocorre a sua produção e, de tal modo, o valor varia também. Os tijolos de argila têm um valor mais alto do que o tijolo de barro, quase o dobro.

O processo de produção dos tijolos não costuma variar muito, o que varia é o traço, dependendo da granulação da terra do local – se ela é mais ou menos argilosa. A seguir, explica-se resumidamente a produção, em um dia de participação. Os construtores e

professores desse dia foram Alex, Juliards e Henry e alunas Lea e Mariana.

1. No terreno onde é determinada a produção de tijolos, é feita uma piscina para captação de água da chuva. Escava-se um retângulo com dimensões de 2 x 1,5m e profundidade de 2 m (tais dimensões variam, dependendo do tamanho da produção de tijolos e da quantidade de água necessária) e, em seguida, concretiza-se a superfície escavada.

2. Prepara-se o terreno da produção deixando-o plano.

3. A terra que será utilizada para ser enformada é colocada em um espaço único e, em seguida, joga-se água, não há proporção, até que a terra fique com um aspecto de molhada próximo ao estado de saturação.

4. Essa terra saturada é deixada durante duas semanas coberta.

5. Depois de duas semanas começa-se o processo de enformar os tijolos. Apoia-se a forma dos tijolos no tripé de produção de tijolos e preenchendo-a com a terra que ficou coberta. Logo em seguida é desenformada.

6. Desenformam-se os tijolos e os colocam deitados, com a maior dimensão tocando o chão. Deixando-os secar durante de 2 a 3 dias, cobertos.

7. Depois da primeira secagem, os tijolos são virados e empilhados agora com a menor dimensão tocando o chão, verticalmente. São cobertos novamente.

8. Por último, empilham todos os tijolos construindo o forno e colocam fogo durante a noite.

9. Os tijolos estão prontos.



Produção de Tijolos em Kikajjo. Fonte: Acervo pessoal.

As técnicas construtivas de Kikajjo são bastante distintas do que foi observado no território de Karamoja. Como explica o professor Tom Sanya, no artigo intitulado *The hut; the first building in Uganda* (OMURUNGI, 2012), os colonialistas mudaram drasticamente o ambiente construído, introduzindo uma economia capitalista e novas tecnologias e materiais de construção. Kikajjo, é considerado um vilarejo rural, mas por sua proximidade com a capital somada ao fenômeno da conurbação, em termos inclusive de mercado, faz com que receba os resíduos da capital, estipulando uma relação de centro-periferia.

Percebeu-se um fenômeno interessante sobre a relação de Kikajjo com a Capital. No vilarejo há casas em diversas etapas de construção, há muitas em construção e poucas finalizadas. No entanto, percebe-se que, a maioria das que estão em construção, se encontram na fase que compõem a fundação, a alvenaria e o telhado.

As dimensões das casas variam, há casas de um, dois, três e quatro dormitórios. Percebe-se, no entanto, que a técnica construtiva da alvenaria é a mesma, independente da dimensão das casas. A técnica construtiva do telhado, porém, é diferente, os materiais e o desenho se diferenciam.

As casas menores, possuem telhados de uma água. As casas maiores possuem telhado de quatro águas. Nota-se, então, que a questão construtiva do telhado está atrelada a um *status quo* da cultura, o desenho do telhado diz sobre o poder aquisitivo da família, no caso quanto mais rebuscado, melhores as condições econômicas.

Conversando com Henry Bombo, filho de Augustine – diretor da ONG TORUWU, ele contou que está construindo quartos para alugar. São três quartos com uma área de estoque na frente, onde as pessoas normalmente colocam os utensílios de comida e cozinham, nas varadas na frente das casas.

Quando visitamos a obra dos quartos, perguntamos a ele sobre o processo da obra, como havia sido em termos de cronograma e orçamento. Bombo contou que a prioridade era construir o telhado, para proteger a alvenaria de tijolo de barro da água da chuva, pois o acabamento e a impermeabilização seriam as últimas etapas a serem feitas, quando são feitas.

O motivo relacionava-se, também, com o custo, pois o telhado é a parte mais dispendiosa. Por essa



Figura 15. Alex e Juliards colocando os tijolos para secagem. Fonte: Acervo pessoal

razão, assim que iniciou o planejamento da casa, os primeiros materiais comprados foram os que compunham o telhado; uma maneira de motivá-lo a não desistir de terminar a casa.

Bombo contou que quando se compra um terreno, na verdade se pode comprar o terreno ou o direito de construir no terreno, pois como não há nenhuma fiscalização no território muitas das terras compradas são ocupadas por outras pessoas. Ou seja, é provável que se um terreno é comprado e não tenha nenhuma construção, é possível que o proprietário, ao retornar para sua propriedade, encontre alguma outra construção ocupando o terreno.

Vivência



Figura 13. Juliards ensinando Mariana a enformar a terra saturada. Fonte: Henry.



Figura 14. Juliards e Mariana desenformando o tijolo. Fonte: Henry.



Figura 16, 17 e 18



Figura 19



Figura 20

Casas no vilarejo de Kikajjo.
Fonte: Acervo pessoal.

Quando um terreno é comprado, portanto, as pessoas começam a construir com o que tem para ocuparem suas terras e evitarem o uso por terceiros. Este fato explica as distintas fases de construção por toda as partes do vilarejo.

O acompanhamento da obra da Escola St.Mary trouxe o conhecimento do processo construtivo e da maneira de gerir a obra naquele local:

1. O terreno foi marcado para o início da escavação.
2. Na escavação, alguns pontos do terreno tiveram que ser drenados.
3. A terra retirada da escavação para a fundação, foi colocada dentro do espaço interno, para a construção do piso da escola.
4. Para a fundação, foram colocados pedras e concreto, como o baldrame. Com uma altura de 50 cm do chão para então iniciar a construção da alvenaria.
5. O tijolo foi produzido localmente, em um terreno próximo, escolheu-se o tijolo de barro.
6. Os tijolos foram, foram apoiados como mostram as fotos e coligados com concreto.
7. A alvenaria foi terminada até a última filada das aberturas (as janelas) e em seguida começou-se a montar as formas das vigas de amarração.
8. As formas foram construídas com madeira e o concreto armado foi moldado.
9. Em seguida começou-se as últimas filadas da alvenaria onde discutiu-se sobre a abertura dos tijolos e uma possível ventilação na região superior da sala.
10. Depois da conversa, o engenheiro decidiu fazer as aberturas como indica na figura.
11. A próxima etapa é a montagem do telhado. Foi preciso fazer uso de fitas metálicas para unir as bases das treliças e unir as peças de madeira para gerar a dimensão necessária.

12. As treliças do telhado apoiam-se nas vigas de amarração.

13. Nas treliças apoiam-se os caibros para receber as telhas metálicas, no caso, não há forro.

14. Em seguida, iniciam-se os acabamentos.

15. O chão de terra é batido e depois concreta-se o piso.

16. Instalam as janelas e portas e as fixam com cimento.

17. Para o acabamento das paredes testamos fazer em uma mistura da terra local com areia e água.

18. Primeiro fizemos um reboco mais espesso para igualar a superfície da parede.

19. Para o segundo acabamento, somamos a mistura de terra uma quantidade de cal para a impermeabilização.

20. Pela falta de beirais extensos para afastar a água das paredes, decidimos pintar as paredes.

Nos últimos itens da construção, na etapa do reboco, resolvemos propor uma atividade para a comunidade: alunos e professores. Como o reboco com terra está atrelado ao baixo poder aquisitivo no imaginário da população era preciso agregar valor, possibilitando uma transformação dessa visão. A proposta foi elaborar uma atividade com as crianças, para que elas se sentissem pertencentes àquele novo espaço.



Figura 21

Figura 22



Figura 23



Figura 24





Figura 25



Figura 26



Figura 30



Figura 29



Figura 27 e Figura 31



Figura 28

Figura 21. Escavação para fundação da St.Mary.

Fonte: Acervo pessoal.

Figura 22. Tijolos sendo assentados na St.Mary.

Fonte: Acervo pessoal.

Figura 23. Finalização da última fiada da alvenaria da St.Mary. Fonte: Acervo pessoal.

Figura 24. Finalização dos detalhes da alvenaria da St.Mary. Fonte: Acervo pessoal.

Figura 25. Amarração com fita metálica das horizontais da treliça da St.Mary. Fonte: Acervo pessoal.

Figura 26. Vista interna da cobertura da St.Mary. Fonte: Acervo pessoal.

Figura 27. Telhado finalizado da St.Mary. Fonte: Acervo pessoal.

Figura 28. Dinâmica com os alunos da St.Mary para rebocar a escola. Fonte: Acervo pessoal.

Figura 29. Alunas da St.Mary rebocando a escola. Fonte: Acervo pessoal.

Figura 30. Finalização das dalas da St.Mary. Fonte: Acervo pessoal.

Figura 31. Bloco com 3 salas finalizados. Fonte: Acervo pessoal.

As casas e suas usuárias

Após a pesquisa sobre as técnicas construtivas e as tipologias existentes no território, encontrou-se a necessidade de olhar tais espaços sobre o filtro principal do estudo: as mulheres. Sendo assim, realizou-se um estudo por meio da análise das casas, suas tipologias e entrevistas com as usuárias, com o intuito de avaliar a experiência das moradoras com o espaço construído.

É importante explicar como foi elaborado o método para realizar as entrevistas. Na verdade, chamar de método seria pretencioso. A verdade é que a intenção das entrevistas era, em primeiro lugar, criar um espaço seguro para o diálogo. Para gerar esse espaço estudou-se um fenômeno que se chama *teaming*, o conceito relacionado à formação de equipe de sucesso, desenvolvido por Amy C. Edmondson¹.

A intenção da pesquisa foi buscar uma maneira de se projetar em colaboração. Por esse motivo o conceito de *teaming* se encaixa no momento de estipular essas relações entre os agentes envolvidos. O conceito diz que para identificar uma boa formação de equipe é necessário que haja três parâmetros: *Atmosfera psicologicamente segura*: na qual há uma pessoa que conduz essa atmosfera (uma líder), um espaço de diálogo onde a fala é bem-vinda, independente da opinião, o importante é que as pessoas envolvidas, se expressem. É importante eliminar o componente competitivo do diálogo, ou seja, não existe resposta melhor ou pior, existem ações que se somam para criar algo em conjunto. *A escuta*: todas as vozes precisam não apenas serem escutadas, mas valorizadas, ou seja, todos os indivíduos da equipe têm a escuta aberta para todas as opiniões e acreditam que todas elas têm um valor de contribuição com o grupo. *A curiosidade e saber o que eu não sei*: todos os indivíduos precisam estar abertos e curiosos a novos aprendizados e saber que o primeiro passo para aprender algo é a compreensão de que você não sabe tudo.

Somado ao estudo do conceito de *teaming* busquei, também, entender por meio da vivência com o coletivo equatoriano Al Borde – que praticam uma arquitetura onde a concepção visa a colaboração, participação e ter os usuários como protagonistas do processo – como eles conduziam a primeira conversa com os clientes.

A curiosidade era sobre como transformar as primeiras conversas com os clientes (independentemente se eram comunidades ou clientes privados) em arquitetura. O que foi compreendido ao final desses diálogos é que, para obter um desenho de maneira colaborativa, era preciso ter critérios, limites. Era preciso partir de algum lugar e não de uma página em branco. Esses critérios, limites dessa página em branco quem teria que colocar eram os usuários pois seria o que faria da concepção algo coerente com as vontades, desejos, necessidades.

Sendo assim, era preciso saber fazer as perguntas certas de uma maneira subjetiva para conseguir compreender quais eram esses limites. Uma das técnicas compreendidas era de que ao invés das perguntas para os clientes serem diretas, como por exemplo: “você gostaria de ter o quarto perto da área da cozinha ou longe?”, era necessário pensar em fazer perguntas nas quais as respostas fossem mais abrangentes, para que pudéssemos compreender mais subjetivamente a relação do cliente com o que estava sendo desejado.

Isso porque, muitas vezes, mesmo tendo uma relação de *teaming* estipulada com sucesso, as pessoas não se permitem responder o que de fato querem, mas sim o que elas imaginam que você gostaria de escutar vindo delas ou o que é considerado normal, elas não querem expor o que de fato querem por medo do próprio julgamento.

Quando se trabalha em territórios de recursos escassos, nos quais a representatividade do estrangeiro é de muita desigualdade, é muito comum que isso aconteça. As pessoas tendem a responder o que elas imaginam que você gostaria de escutar e não, de fato, as suas reais vontades. Por essa razão, é muito importante, também, que não haja imposição por parte de quem questiona, pelo contrário, é favorável que se abra ao diálogo, com perguntas, para que haja a desconstrução do pensamento, é mais apropriado do que colocar sugestões. Colocados os pontos de apoio acima, as entrevistas das usuárias se encontram nos apêndices desta pesquisa.

1 Acadêmica americana, atualmente professora de liderança da Novartis na Harvard Business School. Formada na Universidade de Harvard, é autora de A Organização Sem Medo: Criando Segurança Psicológica no Local de Trabalho para Aprendizagem, Inovação e Crescimento.





Figura 35. Frida cozinhando arroz no chão da sala. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 34. Casa da Frida. Fonte: Acervo pessoal.

Figura 32. Casa de Maimuna. Fonte:
Acervo pessoal.



Figura 33. Maimuna preparando matoke.
Fonte: Acervo pessoal.



Aproximação com liderança e colaborações locais

A ONG local TORUWU, com a qual o *Projeto Escola em Uganda* faz parceira, também desenvolve outros projetos na comunidade. Um dos projetos é o de fisioterapia e apoio às crianças com deficiência. Além de dar auxílio à essas crianças, a ONG, em parceria com a economista e psicóloga espanhola Cati Huertas, desenvolve, com as mães das crianças, um grupo de microfinanciamento para seus pequenos empreendimentos.

Com o decorrer do grupo, além do aconselhamento e da dinâmica de microfinanciamento, as mães também participavam de oficinas variadas. O grupo teve início no ano de 2018, recebendo o primeiro investimento, de 3 mil euros, em março daquele ano. Quando conversei pela primeira vez com Sophie Bemba, líder do grupo e diretora da ONG, em agosto de 2018, questionei sobre o que ela achava de propormos oficinas de planejamento e construção – se as participantes teriam interesse.

O grupo inicialmente já tinha levantado as maiores necessidades entre as mulheres, eram, em sua maioria, duas: a primeira em relação as tarifas escolares de seus filhos; e, em segundo, o tema da moradia, fosse pelo valor do aluguel ou por possuírem terra, mas não terem recursos para construir. Sendo assim, sabendo dessa necessidade inicial, foi proposto que, na próxima volta para a pesquisa de campo, pudéssemos conversar sobre as possibilidades, coletivamente.

Às quintas feiras as mulheres se reúnem devido a fisioterapia semanal das crianças. No primeiro encontro que participei haviam muitas poucas mulheres, devido à forte chuva que tinha caído. Além de me apresentar, explicar que estudava arquitetura e qual era, ao meu ver e de uma maneira bem simples, o fazer da arquitetura; esclareci que estava buscan-



do fazer uma arquitetura baseada na perspectiva de gênero, questionando os papéis.

Por essa razão, pedi que, primeiro, me respondessem se alguma mulher do grupo tinha qualquer tipo de envolvimento com atividades relacionadas à construção. Havia uma única mulher presente que respondeu afirmativamente, contando que já havia dado auxílio, muitas vezes, em construções, ou seja, transportava os materiais, mas não finalizava o trabalho. Sabia que outras mulheres trabalhavam na produção de tijolos, mas que não estavam presentes. Em seguida conversamos sobre as demandas e necessidades, para podermos, assim, elencar e organizar o que seria útil, de fato, para o tema do workshop proposto. As possibilidades elencadas para servirem como tema foram:



Almoço na casa de Mama Faith, Vilarejo Sawa. 2018.
Fonte: Acervo pessoal.

1. Projeto e planejamento: abordar os temas básicos relacionados às decisões de projeto e, também, sobre a organização da obra, principalmente no que diz respeito ao orçamento.

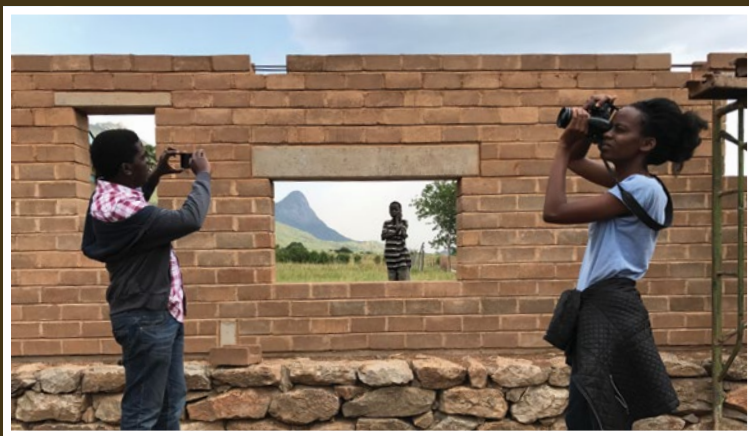
2. Acabamentos: explicar sobre os acabamentos, pois muitas delas possuem casas que não estão finalizadas.

3. Construção em sua totalidade: técnicas construtivas desde a preparação do terreno, fundação até os acabamentos.

Por último, perguntei se teria alguma prioridade, ou seja, qual era a necessidade mais urgente para um workshop, se tivéssemos que escolher. Elas ainda não haviam entrado em concordância e responderam que gostariam de participar de todos. As perguntas finais delas foram sobre onde seriam essas oficinas e, então, expliquei que as oficinas sobre projeto e planejamento poderiam ser feitas na sede da ONG, mas que as oficinas práticas seriam feitas em uma casa que construída por nós, por meio dessas oficinas.

A última questão foi sobre os projetos futuros, perguntaram sobre como elas teriam recursos para continuar praticando o que aprenderam após terem participado das oficinas. A pergunta de extrema pertinência foi colocada, também, com ansiedade de receber das oficinas a melhora da sua própria moradia, quando na verdade as oficinas proporião a dissipação do conhecimento para que então houvesse uma organização coletiva e pessoal para dar continuidade.

Respondi que teriam diversas possibilidades, mas que elas deveriam, como integrantes de um grupo, serem discutidas com todas, porém uma das opções seria pensar na criação de uma cooperativa para transformar o conhecimento adquirido na venda de serviços. Dessa maneira, como grupo, elas poderiam eleger critérios para ir fazendo as melhoras das moradias de cada uma. Essa era apenas uma possibilidade, elas poderiam praticar da maneira que achassem mais coerente com as próprias necessidades.



1.2 Estudo de casos: análises projetuais



Estudo de casos: análises projetuais

Durante a pesquisa foram estudados e analisados três projetos que trouxeram importantes contribuições à proposta elaborada. O primeiro foi a *Escola Comunitária* na região de Karamoja, em Uganda, desenvolvido por o escritório Studio FH. O projeto foi visitado e compreendido por suas contribuições técnicas. Em segundo, o projeto do *Centro Comunitário Pavilions for Okana*, de Ellen Rouwendal e Laura Straehle, como iniciativa para seu trabalho final de graduação da Universidade Técnica de Delft. E o último, o projeto do coletivo equatoriano Al Borde, *Casa de Las Camas en El Aire*. Os dois últimos contribuíram para a lógica processual de concepção de projeto.

Escolas primárias em Karamoja

Ficha técnica

Arquitetas: Studio FH

Local: Geremech e

Sarachom, Karamoja, Uganda

Programa: Escola comunitária primária

Área: 2,000m²

Ano do projeto: 2017

Status: em construção

Estas duas escolas primárias estão localizadas em adjacências imediatas ao Parque Nacional Kidepo Valley, em Karamoja, nordeste do Uganda; e, fazem parte do programa *Classroom Africa* da *African Wildlife Foundation*. O objetivo deste programa é fornecer incentivos à população local para abraçar a vida selvagem e aprender a vê-la como uma oportunidade, em vez de uma ameaça à sua subsistência.

Devido ao afastamento dos locais e aos altos custos de transporte associados, os materiais de construção foram cuidadosamente selecionados para serem adquiridos localmente, sempre que possível. A área de Kidepo possui muitas pedras que foram utilizadas para fundações e paredes. Blocos de terra comprimida formam a parte superior das paredes. Painéis de lâminas de aço

deslizantes e suspensos formam janelas e portas e proporcionam sombreamento e segurança ao mesmo tempo.

Foi interessante perceber como o Studio FH desenvolveu a união dos materiais locais disponíveis com inovação tecnológica. Percebe-se o quanto foi compreendida a disponibilidade dos materiais locais e ao mesmo tempo foi feita uma pesquisa profunda de outros componentes que poderiam ser acrescentados e sua porcentagem para viabilizar a união do local com a inovação, objetivando o aumento da durabilidade e função dos materiais.

Para a alvenaria, por exemplo, foram realizadas pesquisas sobre diversos tipos de traços com cimentos distintos para misturar com a terra a uma quantidade plausível levando em consideração o transporte, possibilitando, assim,



Escola primária Karamoja, Karamoja. 2018. Fonte: Acervo pessoal.

a elaboração de paredes de tijolos aparentes que agentassem o contato com a chuva. Além disso, a estrutura metálica das treliças precisava ser transportada em uma só viagem, por essa razão, desenharam uma estrutura metálica suficientemente leve para solucionar a demanda.



Figura 36. Render do projeto da Escola em primária em Karamoja. Fonte: Studio FH.
Figura 39. Foto da construção da Escola em primária em Karamoja. Fonte: Studio FH.



Figura 37. Foto da construção da Escola em primária em Karamoja. Fonte: Studio FH.



Figura 38. Foto da construção da Escola em primária em Karamoja. Fonte: Studio FH.



Figura 40. Foto do primeiro pavilhão construído
Fonte: Pavilions for Okana.



Figura 42. Foto do primeiro pavilhão construído.
Fonte: Pavilions for Okana.



Figura 41. Foto do primeiro pavilhão construído.
Fonte: Pavilions for Okana.

Centro Comunitário – Pavilions for Okana

Ficha técnica

Arquitetas: Laura
Katharina Strähle &
Ellen Rouwendal

Local: Kisumu, Kenya

Programa: Centro
comunitário

Área: 560 m²

Ano do projeto: 2016

Status: construído

O projeto representa o trabalho final de graduação de Ellen Rouwendal e Laura Strähle com duração de um ano no *Explore Lab*, um estúdio que oferece a seus alunos a possibilidade de elaborar sua própria abordagem teórica de pesquisa e projeto de acordo com um desejo específico.

As aulas tiveram extensas experiências com projetos internacionais na África e na Índia, e isso gerou nelas um fascínio pela arquitetura realizada em territórios vulneráveis. Ao criarem seu próprio *Design-Build-Studio* como projeto final de graduação, propuseram o desafio: e se os alunos pudessem fazer uma mudança para regiões mais pobres do mundo com uma intervenção arquitetônica de pequena escala?

A pesquisa de técnicas de construção, padrões culturais e construtivos locais resultou na

reinterpretação dos padrões tradicionais de habitação e no projeto final. Adquirir fundos, gerenciar a fase de acompanhamento com duração de cinco meses, ter a liderança do projeto no local, essas etapas fizeram parte do desafio de explorar as potencialidades de uma abordagem de *Design-Build* em nível acadêmico.

O que chamou a atenção foi a iniciativa estudantil e a abordagem da arquitetura como um todo. A simplicidade, as soluções de projeto de baixa tecnologia e um processo de projeto compreensível foram os aspectos mais significativos para comunicar e realizar o objeto arquitetônico com maior sucesso junto aos habitantes e trabalhadores locais, além dos estudantes internacionais.

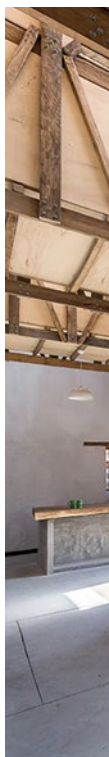




Figura 44. Foto da casa antiga.
Fonte: Al Borde.

Casa de las Camas en el Aire

Ficha técnica
Arquitetas: Al Borde
Local: Otavalo, Equador
Programa: Habitação unifamiliar
Área: 80 m²
Ano do projeto: 2017
Status: construído



Figura 43. Foto do projeto finalizado. Fonte: Al Borde.



Figura 46. Foto do projeto finalizado. Fonte: Al Borde.



Figura 45. Foto do projeto finalizado. Fonte: Al Borde.

Construída no final do século XIX, esta era uma casa que, aparentemente, não servia para nada. Tinha um único nível, os 80 m² eram escuros e frios, e a estrutura do telhado de madeira estava podre. Apenas as paredes de terra pareciam capazes de serem reformadas, o que, à primeira vista, não parecia tão ruim.

A família não buscava privacidade: cozinha, sala de estar, jantar e banheiro eram para uso comum. Quase de uso público, pois sabia-se que a presença de visitas e amigos era constante. Nesta casa para todos, o espaço privado é reduzido ao leito de cada um dos membros da família.

Os acabamentos finais da obra concluída foram quase os mesmos que estavam lá no século XIX. As ações de reforma foram poucas e estratégicas: as paredes estruturais foram reforçadas; a taipa foi tratada; as portas e janelas, que es-

tavam em más condições, foram trocadas; o piso foi nivelado e realizado em cimento queimado.

Aproveitaram a necessidade de mudar o telhado para, na mesma ação, resolver os dormitórios. Uma nova estrutura superior ligou as paredes. Sobre ela, treliças de eucalipto foram instaladas a cada 1,55 m. Entre cada treliça passou a existir uma cama. No total, três pares de treliças habitáveis foram montadas.

Não foi possível reutilizar as antigas telhas, o péssimo estado de conservação as converteu em material para revestimento do pátio. A cobertura foi resolvida com telhas de pneus velhos e uma cumeeira de vidro reciclado que ilumina e aquece o interior.

Neste projeto, pude presenciar o processo de projeto e a sua construção – fatos estes que contribuíram, e muito, para a proposta deste trabalho. Os arquitetos

responsáveis propuseram aos clientes que a construção fosse feita através de oficinas de construção com estudantes de arquitetura.

Para isso argumentaram que a obra proporcionaria troca de saberes, além de uma grande diminuição de seus custos, uma vez que o mestre de obra e os pedreiros poderiam atuar como professores aos estudantes, e as despesas seriam garantidas por meio das oficinas, pagas pelos estudantes. Em termos de projeto, repensaram o processo para ser executado de maneira didática e com uma mão de obra não capacitada. A organização e divulgação das oficinas foi feita em colaboração com o coletivo equatoriano, *El Sindicato*.

1.3 *A casa de Jajja*



Figura 47. Corpografia de Nannono Imacute.
Fonte: Acervo pessoal.

Figuras 47. Corpografia de Nannono Imacute



Jajja Nannono Imaculate. Kikajjo 2018. Fonte: Acervo pessoal.

Processo conjunto as oficinas com Nannono Imaculate

Era necessário compreender o mundo de Jajja, os seus desejos e necessidades para o projeto de sua nova casa. Para tanto, era muito importante conversar diretamente com a cliente, buscar saber o que ela queria e como imaginava a sua moradia. No entanto, muitas vezes, o que ela realmente queria não era revelado, pois ela não se permitia dizer.

Além disso, cada uma de nós, não só para arquitetura, mas como para todas as esferas do viver, temos um horizonte que está desenhado pelas nossas experiências de vida. O morar, o estar, é algo que está fortemente atrelado à nossa trama psíquica histórica, aos nossos hábitos e cultura local.

Trabalhando em conjunto com a Jajja, eu iria traduzir o seu imaginário sobre a casa para um projeto. Era muito, portanto, necessário compreender os hábitos atrelados ao morar, a ergonomia, os gestos, os costumes. No contexto espacial e cultural, onde a pesquisa foi realizada, as vivências são tão diferentes que era preciso traçar algum método que pudesse nos aproximar.

A primeira ação foi a completa observação da rotina e hábitos diários da Jajja. Observar o acordar, as atividades matutinas, os principais percursos, o trabalho, o lazer, os percursos secundários; para assim descobrir a cultura por meio dos costumes e, então, tecer uma consideração sobre o que era o habitar, por meio da observação de seus hábitos. Nessa etapa foi importante disciplinar o olhar para que não houvesse nenhuma forma de julgamento.

A segunda atividade foi sentar com a Jajja e ter uma conversa abrangente, sobre a vida como um todo, deixando espaço para todas as subjetividades. Uma conversa sobre momentos importantes da vida. Para a realização desta etapa, fui bastante influenciada pelo projeto de David Lynch, *The interview Project*, no qual viajou por mais 3 mil km, nos Estados Unidos, entrevistando pessoas encontravam no caminho. Em

suas entrevistas a cada três minutos de conversa com cada entrevistado parecia que estava mais próximo da pessoa, que a conhecia. Decidi, então, entrevistar a Jajja com perguntas fortes sobre a vida.

Em um terceiro momento, fizemos uma oficina desenho, Jajja, eu e Gift. Começamos, de maneira muito semelhante como haviam sido conduzidas as entrevistas com as mulheres e suas casas, questionando o quadro maior para então, juntas, chegarmos nas respostas objetivas. Por exemplo: ao invés de perguntar a Jajja onde é que ela queria o quarto dela, em termos de implantação, realizei perguntas mais subjetivas, para primeiro saber como era a casa onde ela cresceu, quais eram as memórias mais fortes daquele lugar. E, a partir dessas respostas, ir chegando em noções mais próximas do que podíamos fazer.

Depois dessas atividades foi o momento de cruzar todas as trocas² com a Jajja com as pesquisas sobre os parâmetros e possibilidades de recursos locais, para depois começar a desenvolver o projeto preliminar.

² As entrevistas feitas se encontram nos apêndices deste trabalho.

















Os parâmetros locais: o bioclima

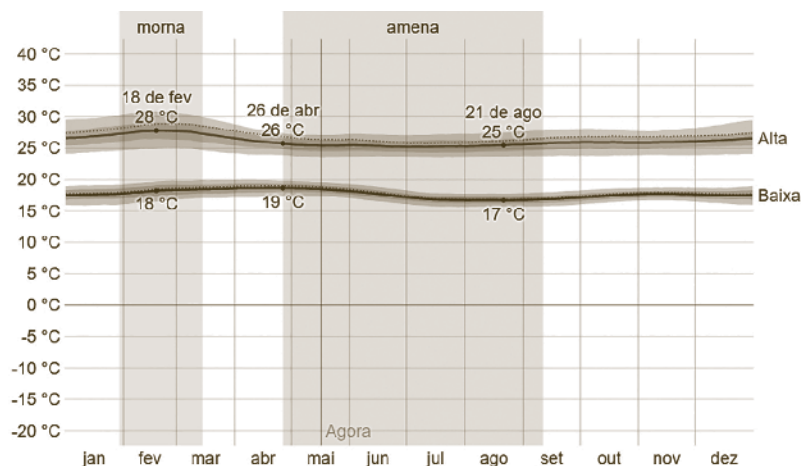


Gráfico 2. Temperaturas médias de Kampala. Fonte: Weatherspark.

O clima sempre foi um fator influente e crucial na arquitetura como um todo; e, portanto, na estrutura de componentes ligados a ele. Para usar apenas um exemplo prático, a arquitetura vernacular na zona de clima temperado tem que encontrar um par de exigências diversas quanto ao isolamento térmico contra baixas temperaturas ou neve. Por essa razão, a largura e a construção das paredes subsequentemente mudam de acordo com o benefício do conforto térmico no interior. Considerando que a arquitetura nas zonas tropicais climáticas tem que lutar contra temperaturas extremamente altas e umidade do ar, entre outros.

A pesquisa a seguir examina quais parâmetros climáticos influenciam no desempenho dos componentes estruturais na Região do Lago Vitória, onde se encontra Uganda, e como reagir sobre isso na arquitetura.

A região do Lago Vitória, definida como as áreas localizadas em proximidade com as margens do lago, é principalmente caracteri-

zada por um clima de floresta tropical. Como indicado no Mapa do Mundo da Classificação Climática de Köppen-Geiger (figura 50), esta região mostra um clima equatorial e totalmente úmido (Af) destacado em vermelho escuro.

Em geral, isso significa que o clima de floresta tropical tem uma temperatura média de pelo menos 18°C e as taxas de precipitação nunca estão abaixo de 60 mm por mês (KÖPPEN, 2006). Este relatório mostra as condições meteorológicas características de Kampala com

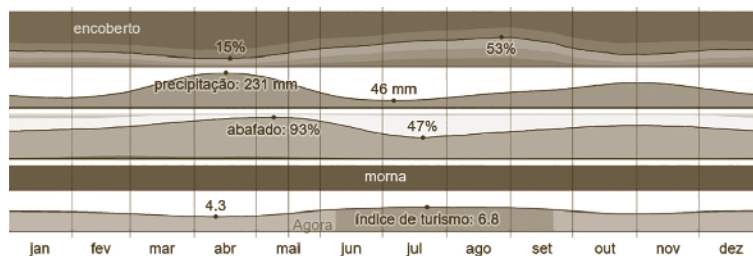


Gráfico 1. Resumo meteorológico de Kampala. Fonte: Weatherspark.

base em uma análise estatística de relatórios históricos e reconstruções de modelo de 1 de janeiro de 1980 a 31 de dezembro de 2016.

Em Kampala, o verão é curto, morno e de céu encoberto; o inverno é longo, agradável e de céu parcialmente encoberto. Durante o ano inteiro, o tempo é abafado e com precipitação. Ao longo do ano, em geral a temperatura varia de 17°C a 28°C e raramente é inferior a 16°C ou superior a 31°C (gráfico 1).

Temperatura

A estação morna permanece por 1,5 mês, de 30 de janeiro a 14 de março, com média de temperatura máxima diária acima de 27° C. O dia mais quente do ano é 18 de fevereiro, cuja temperatura máxima média alcança 28° C, e a mínima média é de 18° C.

A estação fresca permanece por 4,5 meses, de 26 de abril a 11 de setembro, com temperatura máxima diária, em média, abaixo de 26° C. O dia mais frio do ano é 21 de agosto, com média de 17° C para a temperatura mínima e 25° C para a máxima (gráfico 2).

Precipitação

É considerado dia com precipitação aquele com pluviosidade mínima líquida ou equivalente a líquida de 1 milímetro. A probabilidade de dias com precipitação em Kampala varia acentuadamente ao longo do ano.

A estação de maior precipitação dura 9,1 meses, de 23 de agosto a 28 de maio, com probabilidade acima de 59% de que um determinado dia tenha precipitação. A probabilidade máxima de um dia com precipitação é de 85% em 11 de abril. A estação seca dura 2,9 meses, de 28 de maio a 23 de agosto. A probabilidade mínima de um dia com precipitação é de 34% em 3 de julho (gráfico 3).

Dentre os dias com precipitação, distinguimos entre os que apresentaram somente chuva, somente neve ou uma mistura de ambas. Com base nessa classificação, a forma de precipitação mais comum ao longo do ano é de chuva somente, com probabilidade máxima de 85% em 11 de abril.

Para demonstrar a variação entre os meses e não apenas os totais mensais, mostra-se a precipitação

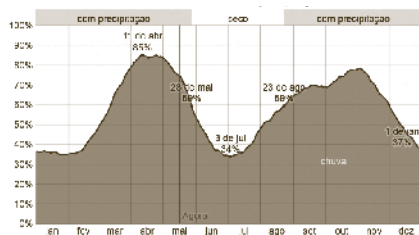


Gráfico 3. Precipitação. Fonte: Weatherspark.

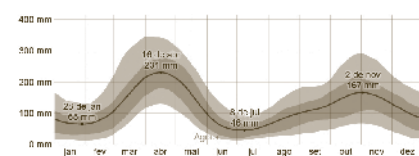


Gráfico 4. Chuva mensal média. Fonte: Weatherspark.

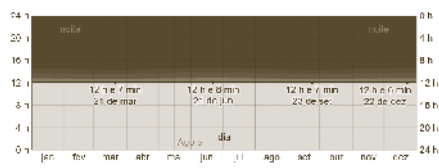


Gráfico 5. Horas de luz solar e crepúsculo. Fonte: Weatherspark.

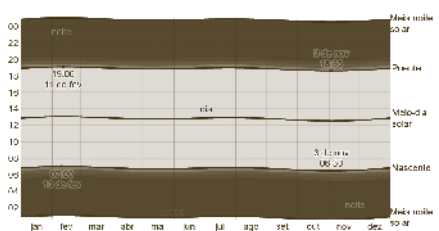


Gráfico 6. Nascer e pôr do sol com crepúsculo. Fonte: Weatherspark.

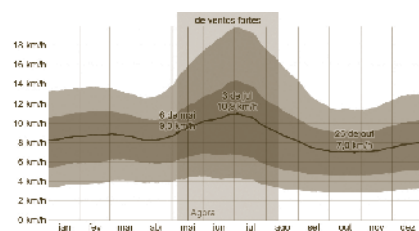


Gráfico 8. Velocidade média dos ventos. Fonte: Weatherspark.

de chuva acumulada durante um período contínuo de 31 dias ao redor de cada mês do ano. Kampala tem variação sazonal extrema na precipitação mensal de chuva.

Chove ao longo do ano inteiro em Kampala. O máximo de chuva ocorre durante os 31 dias ao redor de 16 de abril, com acumulação total média de 231 milímetros. O mínimo de chuva ocorre por volta de 8 de julho, com acumulação total média de 46 milímetros (gráfico 4).

Sol

A duração do dia em Kampala não varia significativamente durante o ano, cerca de 8 minutos a mais ou a menos de 12 horas no ano inteiro. Em 2019, o dia mais curto será 22 de dezembro, com 12 horas e 6 minutos de luz solar. O dia mais longo será 21 de junho, com 12 horas e 8 minutos de luz solar (gráfico 5).

O dia em que o sol nasce mais cedo será 3 de novembro, às 06:30. O nascer do sol mais tarde ocorre 31 minutos depois, às 07:00 em 10 de fevereiro. O dia em que o sol se põe mais cedo será 3 de novembro, às 18:36. O dia em que o sol se põe mais tarde ocorre 31 minutos depois, às 19:06 em 11 de fevereiro (gráfico 6).

O horário de verão não será implementado em Kampala durante 2019.

Umidade

Baseamos o nível de conforto de umidade no ponto de orvalho, pois ele determina se a transpiração vai evaporar da pele e, conseqüentemente, esfriar o corpo. Pontos de orvalho mais baixos provocam uma sensação de mais secura. Pontos

de orvalho mais altos provocam uma sensação de maior umidade. Diferente da temperatura, que em geral varia significativamente do dia para a noite, o ponto de orvalho tende a mudar mais lentamente. Assim, enquanto a temperatura pode cair à noite, um dia abafado normalmente é seguido por uma noite abafada. Kampala tem variação sazonal significativa na sensação de umidade.

O período mais abafado do ano dura 10 meses, de 24 de agosto a 27 de junho, no qual o nível de conforto é abafado, opressivo ou extremamente úmido pelo menos em 59% do tempo. O dia mais abafado do ano é 9 de maio, com condições abafadas durante 93% do tempo. O dia menos abafado do ano é 20 de julho, com condições abafadas durante 47% do tempo (gráfico 7).

Ventos

Esta seção discute o vetor médio horário de vento (velocidade e direção) em área ampla a 10 metros acima do solo. A sensação de vento em um determinado local é altamente dependente da topografia local e de outros fatores. A velocidade e a direção do vento em um instante variam muito mais do que as médias horárias. A velocidade horária média do vento em Kampala passa por variações sazonais pequenas ao longo do ano.

A época de mais ventos no ano dura 3,2 meses, de 6 de maio a 12 de agosto, com velocidades médias do vento acima de 9,0 quilômetros por hora. O dia de ventos mais fortes no ano é 3 de julho, com 10,9 quilômetros por hora de velocidade média horária do vento. A época mais calma do ano dura 8,8 meses, de 12 de agosto a 6 de maio. O dia mais calmo do

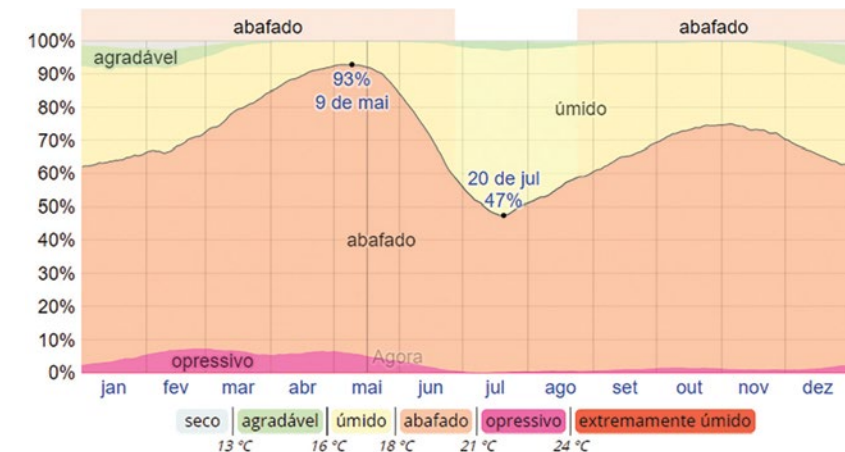


Gráfico 7. Níveis de conforto em umidade. Fonte: Weatherspark.

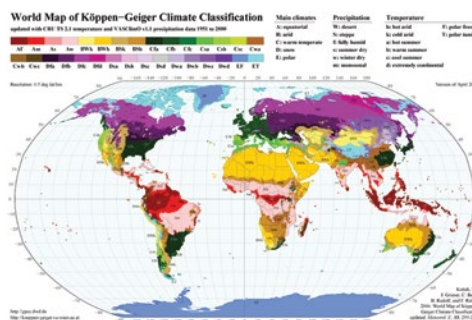


Figura 50. Mapa Mundial de Classificação Climática de Köppen-Geiger. Fonte: World Maps of Köppen-Geiger Climate Classification.

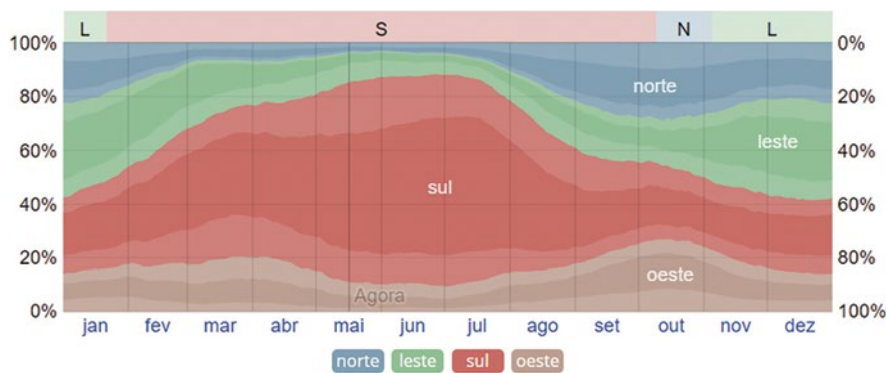


Gráfico 9. Direção dos ventos. Fonte: Weatherspark.

ano é 25 de outubro, com 7,0 quilômetros por hora de velocidade horária média do vento (gráfico 8).

A direção média horária predominante do vento em Kampala varia durante o ano. O vento mais frequente vem do Sul durante 8,6 meses, de 21 de janeiro a 9 de outubro, com porcentagem máxima

de 79% em 2 de julho. O vento mais frequente vem do Norte durante 3,7 semanas, de 9 de outubro a 4 de novembro, com porcentagem máxima de 29% em 12 de outubro. O vento mais frequente vem do Leste durante 2,5 meses, de 4 de novembro a 21 de janeiro, com porcentagem máxima de 35% em 1 de janeiro (gráfico 9).



Mama Faith cozinhando no chão da sala.

Desenho Preliminar

Após os quatro meses de imersão no vilarejo com foco na pesquisa, chegamos em um desenho preliminar. O projeto como um todo possui valores e diretrizes que são:

Academia × Realidade

E se estudantes de arquitetura, em colaboração com profissionais, pudessem pensar soluções para problemas e demandas reais e ainda as viabilizar? O projeto propõe, portanto, que a academia ultrapasse os limites teóricos e especulativos para a prática. O projeto de graduação desenvolvido aqui é uma resposta a uma demanda e uma cliente real, possibilitando estabelecer uma conexão entre academia e realidade, um estúdio de projeto com a responsabilidade do acerto para viabilização.

Moradia e Gênero

O lar sempre foi visto e delegado sob os cuidados das mulheres, especialmente nas zonas rurais. No entanto, o planejamento e construção foram delegados aos homens. E se as mulheres, as principais usuárias das casas, desenvolvessem suas próprias moradias? A elaboração da proposta foi desenvolvida em colaboração com a usuária, Jajja, e a pesquisa feita por intermédio da perspectiva de gênero. A viabilização do projeto, o processo construtivo, questiona os papéis de gênero por meio da construção.



Figura 51. Jajja, Mariana e Janet conversando sobre o projeto. Fonte: Acervo pessoal.

Arquitetura
Produto × Arquitetura
Processo

A casa, entendida como um produto, pode beneficiar uma família; mas e se a moradia e sua concepção fossem abordadas como um processo? O desenho e as tecnologias foram selecionados após uma imersão no local, compreendendo as possibilidades de recursos naturais e humanos, de forma a respeitar a cultura e o meio, além de compartilhar inovação. A casa será uma escola de capacitação em construção para mulheres, beneficiando outras pessoas durante o processo.

Replicabilidade
e Escalabilidade

O primeiro protótipo é a Casa de Jajja, no entanto, o sistema construtivo permite flexibilidade e que possa ser replicado em outras zonas rurais do mundo, especialmente aquelas pertencentes a zonas climáticas semelhantes. O projeto ainda visa a escalabilidade, de modo que as mulheres envolvidas possam dar continuidade, criando uma cooperativa e rentabilizando o processo.



Figura 53. Produção de tijolos locais. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 54. Mulheres de toruwu fazendo artesanatos. Fonte: Acervo pessoal.

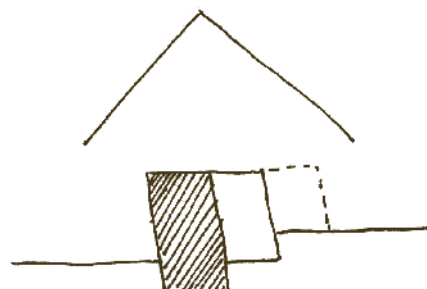


Figura 57. Ícones explicativos do partido; a cobertura; as aberturas e fechamentos; a topografia. Fonte: Acervo pessoal.

O Partido

O projeto da casa foi baseado no partido de:

- Compreender os hábitos locais atrelados ao que se delimitou ser o programa essencial: a relação das usuárias com o fogo, a água e a paz – o descanso (Figura 56).
- Organizar tais dinâmicas culturais em elementos principais:
 - 1 A cobertura, estrutura independente que tem a função de captar água;
 - 2 As aberturas e fechamentos;
 3. A topografia (Figura 57).
- A replicabilidade do módulo e a formação familiar (Figura 58).



Figura 55. Mulheres e crianças almoçando. Fonte: Elisa Pires.

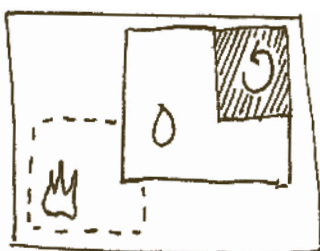


Figura 56. Ícones explicativos do partido. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 59. Render do projeto. Fonte: Acervo pessoal.

Todos os ambientes são organizados debaixo de uma cobertura independente: pilares que conectam treliças invertidas com a função de captar água para a casa. A casa possui dois dormitórios rodeados por alpendres, em um núcleo mais privado construído com tijolos de adobe; uma cozinha central separada por painéis móveis do espaço compartilhado, a sala. Os painéis pivotantes separam a sala do espaço externo.

As tarefas domésticas cotidianas, em sua maioria, são feitas do lado de fora casa buscando uma sombra de árvore da forte incidência solar. Sendo assim, a proposta busca ter a flexibilidade de estar aberta, entreaberta ou totalmente fechada.

O módulo da casa e seus elementos foram todos pensados e dimensionados tendo a mulher como força humana construtiva. Ponderando sobre a possibilidade da replicação, para uma ou mais formações familiares, os módulos podem se unir.

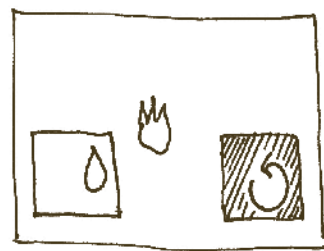




Figura 61. Render do projeto. Fonte: Acervo pessoal.
Figura 60. Render do projeto. Fonte: Acervo pessoal.

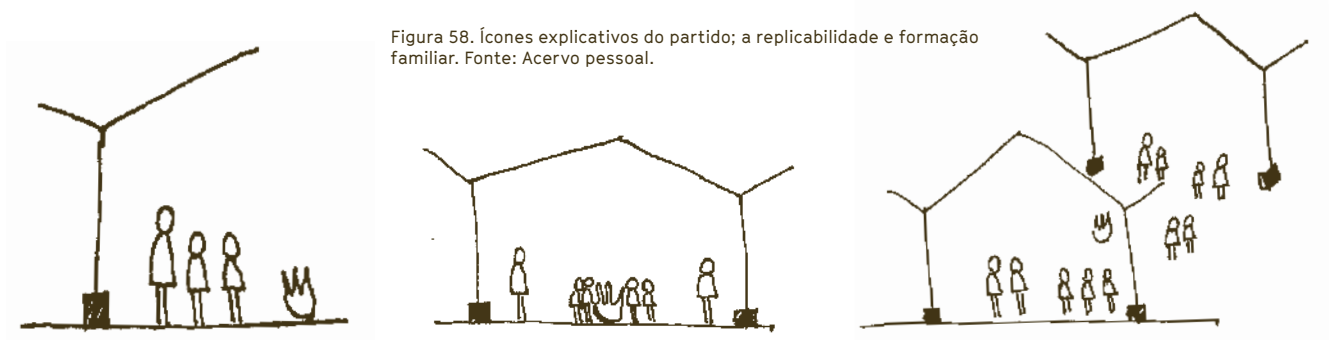
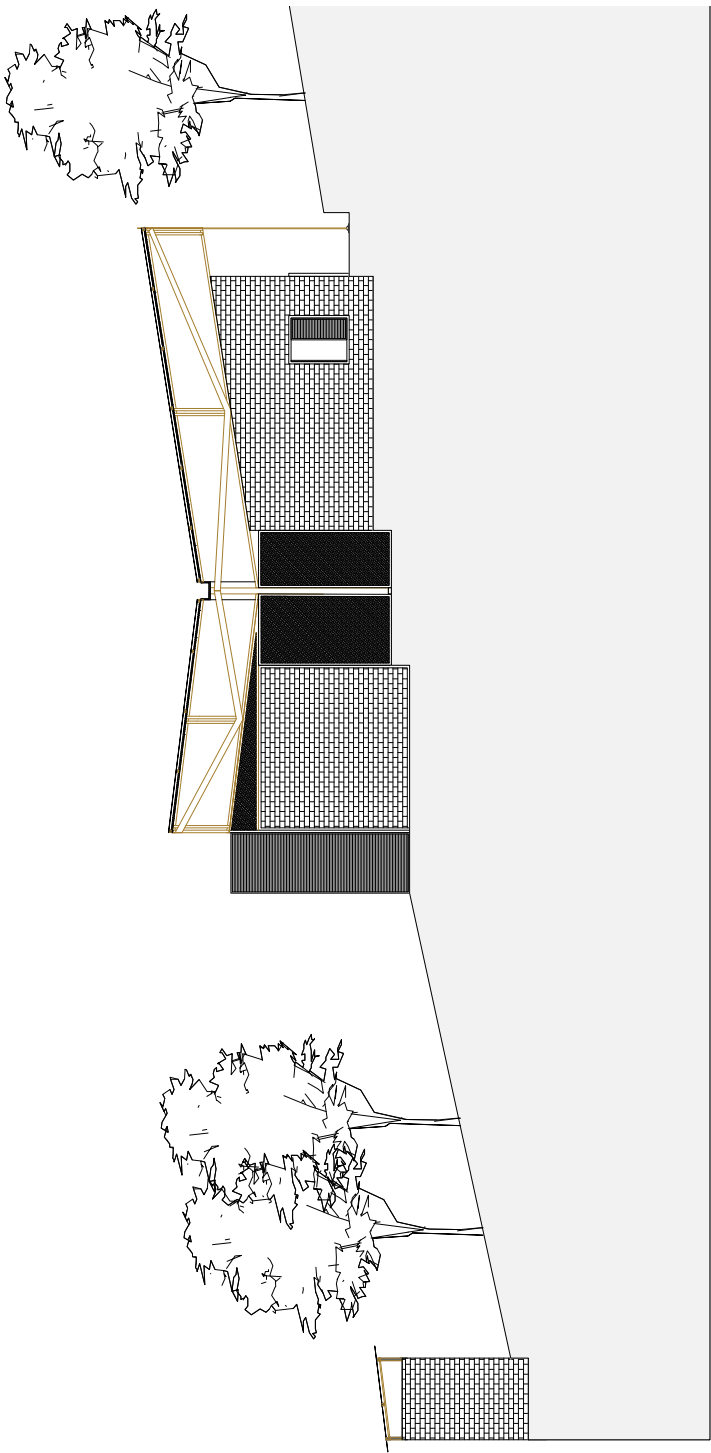
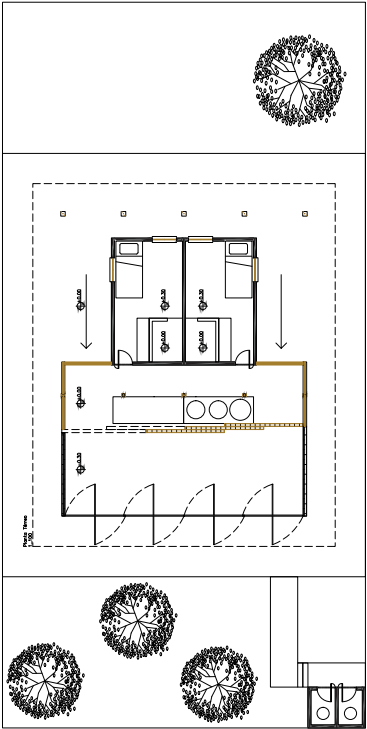


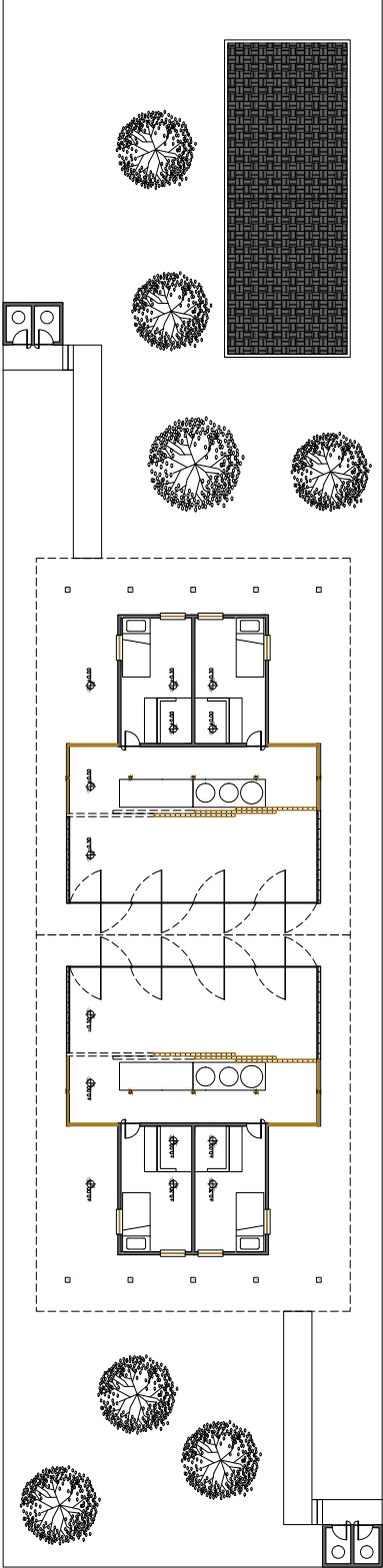
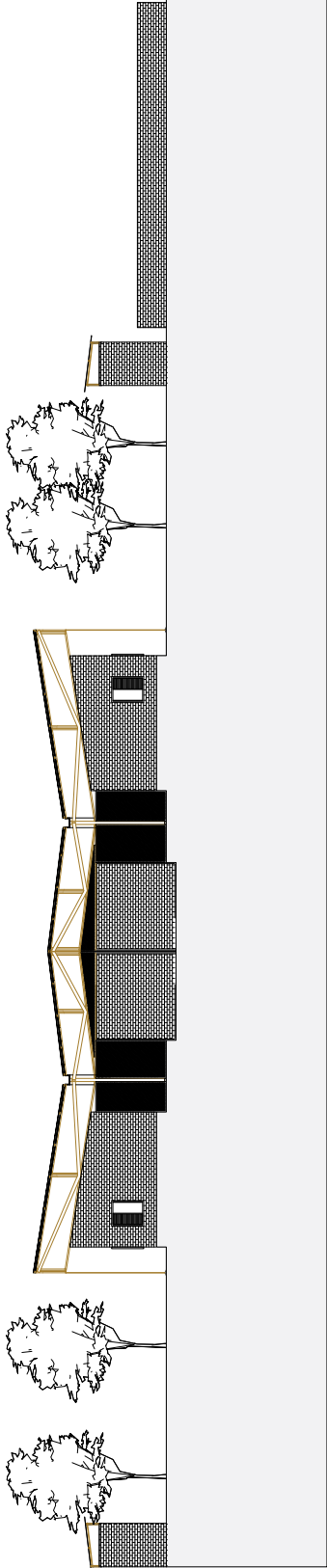
Figura 58. Ícones explicativos do partido; a replicabilidade e formação familiar. Fonte: Acervo pessoal.

1:125



1:250





1.4 A casa de Jajja e o trabalho de campo

*Jan. a Fev. de
2018*



Figura 61. Nannono Imaculate segurando a maquete – fonte: Acervo pessoal. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 62. Nannono Imaculte e Janet conversando sobre a casa. Fonte: Acervo pessoal.

Oficina de Críticas com Jajja

Em fevereiro desse ano fui a Uganda para ficar mais um mês e meio, com o objetivo de continuar o processo com Jajja e desenvolver alguns protótipos. Esse foi o dia em que apresentei a maquete para Jajja, a primeira vez que ela teve contato com o projeto da casa após as nossas conversas de julho a outubro de 2018 (Figura 61).

Apresentei como qualquer outro projeto. No entanto, dessa vez, o contexto era distinto. Ao invés de ter apresentações e todo um contexto/conceito eu estava à frente da própria usuária e de uma maquete. Esse momento me fez perceber o quanto, muitas

vezes, conceituamos algo que não é visto no projeto, sendo que, talvez, apenas a explicação do projeto funcionasse para explicar tudo.

Temos aqui, também, um outro fator complicador: a barreira do idioma. Ou seja, toda a explicação do conceito é dificultada pela tradução. Me vi numa situação na qual o que era necessário e adequado de fazer era falar sobre o projeto, identificando os espaços por meio da maquete e nada mais. Abri a maquete e, então expliquei, de maneira objetiva e sucinta:

Jajja, a casa é feita e pensada de acordo com as necessidades que você me apontou sobre seus hábi-

tos e também pensada para ser construída com um grupo de mulheres. Há três ambientes e eles funcionam de maneira articulada ou não. Aqui é o quarto, há dois dormitórios e dentro de cada um deles há um espaço de higiene. Na parte central da casa há a cozinha, que é separada da sala por painéis que você pode escolher abrir ou fechar. E por fim, a área de estar social, onde também há painéis externos que pivotam. Ou seja, você tem a opção de manter toda a casa aberta, entreaberta ou fechada. A casa ao redor possui alpendres, onde também seriam espaços de descanso e convivência. O telhado é pensado para captação de água, para que haja a possibilidade de ter água na casa e que o acesso a ela não dependa do externo. Gostaria que você compartilhasse comigo todos os pontos que você gosta, desgosta, enfim, tudo o que você quiser colocar. O modelo é uma opção, não é um projeto pronto. O modelo é para que nós dialoguemos sobre o projeto, e que você faça todas as suas modificações.

Logo depois, em primeiro lugar, ela agradeceu muito. E então, a primeira colocação foi feita, sobre o depósito (*storage*) – um espaço onde ela precisa para colocar as coisas que não estiverem em uso, incluindo comida, utensílios de cozinha, e outros compartimentos que ela gosta de estocar. Ela fez os apontamentos sobre onde ela acha que poderia ser tal espaço. A área que ela mais apropriada, segundo Jajja, é na entrada da direita olhando para as portas pivotantes.

O segundo ponto que ela quis entender melhor era onde ficaria o reservatório de água, após a captação pelo telhado. Eu expliquei que esse seria um ponto que eu ainda teria que solucionar tecnicamente, pois dependendo da técnica desenvolvida o reservatório seria enterrado e a água bombeada, ou de alguma outra maneira no centro da casa no mesmo nível. Mas que ainda precisaria ser melhor desenvolvido.

O último ponto questionado foi sobre o forro dos dormitórios, se teria o limite no telhado ou se haveria um espaço entre ele. Na maquete há um erro, mostra um grande vão entre esse espaço e o telhado, sendo que, na verdade, o bloco tem as treliças invertidas apoiadas sobre ele, mas entre o forro e a estrutura superior do telhado há um espaço e eu expliquei que era devido a necessidade de ventilação. Ela não aprofundou mais sobre essa questão, imagino que tal fato se deva a questões de segurança. Esse é um ponto em que a arquitetura precisa que ser reavalia-

da, pois mesmo que em termos de conforto os espaços funcionem, naquele território em específico, há a questão da segurança que precisa ser conduzida com muita atenção.

Conversados os pontos sobre a casa, ela concluiu dizendo que, para ela, o espaço funciona e fazia sentido. Seguimos para o próximo tópico da conversa: o terreno. Agora que tínhamos uma primeira concepção de anteprojeto era necessário que, de fato, examinássemos as possibilidades relacionadas ao terreno de maneira mais contundente, para levarmos o processo adiante.

Perguntei se a área que ela possui em Massaka³ poderia ser vendida para comprar um terreno em Kikajjo. Ela me explicou que como a propriedade era familiar o direito que ela possui refere-se somente ao uso (plantio – agricultura de subsistência), ela não pode vender. Então perguntei se ela desejaria construir essa casa em Massaka ou em Kikajjo. Não foi a primeira vez em que fiz essa pergunta e ela, novamente, respondeu que gostaria que fosse em Kikajjo.

De tal modo, reforçamos que havia chegado o momento de encontrar, efetivamente, qual seria o terreno onde a casa seria construída, pensando em metragem, localização e valor. Jajja apresentou três possibilidades, dizendo que estas atendiam seus critérios: proximidade a uma fonte de água, a sua igreja e da escola de suas netas.

Antes da visita aos terrenos indicados, perguntei sobre a produção do artesanato, sobre o qual havíamos combinado, anteriormente, que a venda das peças seria revertida para a casa. Jajja explicou que, desde a vez que nos vimos, ela conseguiu produzir dois *mats* – tapete artesanal –, mas que até quando eu fosse embora, ela produziria mais um, e depois poderia comprar os tapetes produzidos por suas amigas e que eu poderia leva-los para vender.

³ Vilarejo localizado há 80 km de Kikajjo no qual Jajja diz ter uma terra com a família.

Terrenos

Após as conversas com a Jajja sobre os acertos de projeto era preciso que encontrássemos o local onde seria construída a casa. O projeto antecipava essa flexibilização de implantação. O acordo feito com Jajja é que ela ficaria responsável por essa busca. Em seguida, fomos juntas visitar os terrenos disponíveis.

Terreno 1

Local: Vilarejo de Kikajjo

Metragem: 50m x 50m

Valor: R\$ 40.000,00

Terreno 2

Local: Vilarejo de Kikajjo

Metragem: 50m x 150m

Valor: R\$28.000,00

Terreno 3

Local: Vilarejo de Kikajjo

Metragem: 50m x 50m

Valor: R\$ 35.000,00

Terreno 4

Local: Vilarejo de Kassenge,
vizinho de Kikajjo

Metragem: 70m x 150m

Valor: R\$28.000,00

Terreno 5

Local: Estrada de Nakawuka

Metragem: 50m x 50m

Valor: R\$17.000,00

Terreno 6

Local: Estrada de Nakawuka

Metragem: 50m x 50m

Valor: R\$17.000,00



Figura 67. Terreno opção 5. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 68. Terreno opção 6. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 63. Terreno opção 1. Fonte: Acervo pessoal.
Figura 64. Terreno opção 2. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 65. Terreno opção 3. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 66. Terreno opção 4. Fonte: Acervo pessoal.

O Protótipo

Teacher Frida, ex-professora da Escola St. Mary, foi uma das mulheres entrevistada e que participou da dinâmica sobre as casas, atividades mencionadas anteriormente. Quando cheguei lá ela nos convidou para conhecer o seu novo projeto e sonho sendo realizado: a Escola *Honey Pots* para crianças de 2 a 4 anos.

Iniciou a construção das salas de aula em seu terreno, começando por uma sala. Começou a edificar a segunda sala quando surgiu a demanda, no entanto teve que parar pela falta de recursos.

Com a intenção de fazer um protótipo para o telhado da Casa da Jajja, seria muito interessante que o mesmo pudesse ter algum uso, além do teste estrutural, que o processo pudesse beneficiar outra pessoa. Por isso perguntei a ela se poderíamos trabalhar juntas na construção de uma cobertura para a segunda sala, e se caso não desse certo, reformularíamos um telhado comum com o mesmo material. Imediatamente, Frida aceitou.

Auxiliada por um amigo e engenheiro local, Isaac Wamala, reformulamos o projeto para se adequar à necessidade de Frida e resolvemos exagerar nas dimensões dos componentes para compreender como os materiais locais se comportavam. Concluímos o desenho e Isaac nos deu as orientações para que pudessemos prosseguir com a construção.

Não tínhamos muito tempo, então era preciso iniciar rapidamente. As orientações feitas por Isaac foram: prestar extrema atenção nas conexões dos pilares com a fundação, e na junção dos pilares com as treliças, esses seriam os pontos que receberiam os maiores esforços. Para realizar a construção me juntei a três carpinteiros: Juus Paul, Mugisha Simon e Salon.



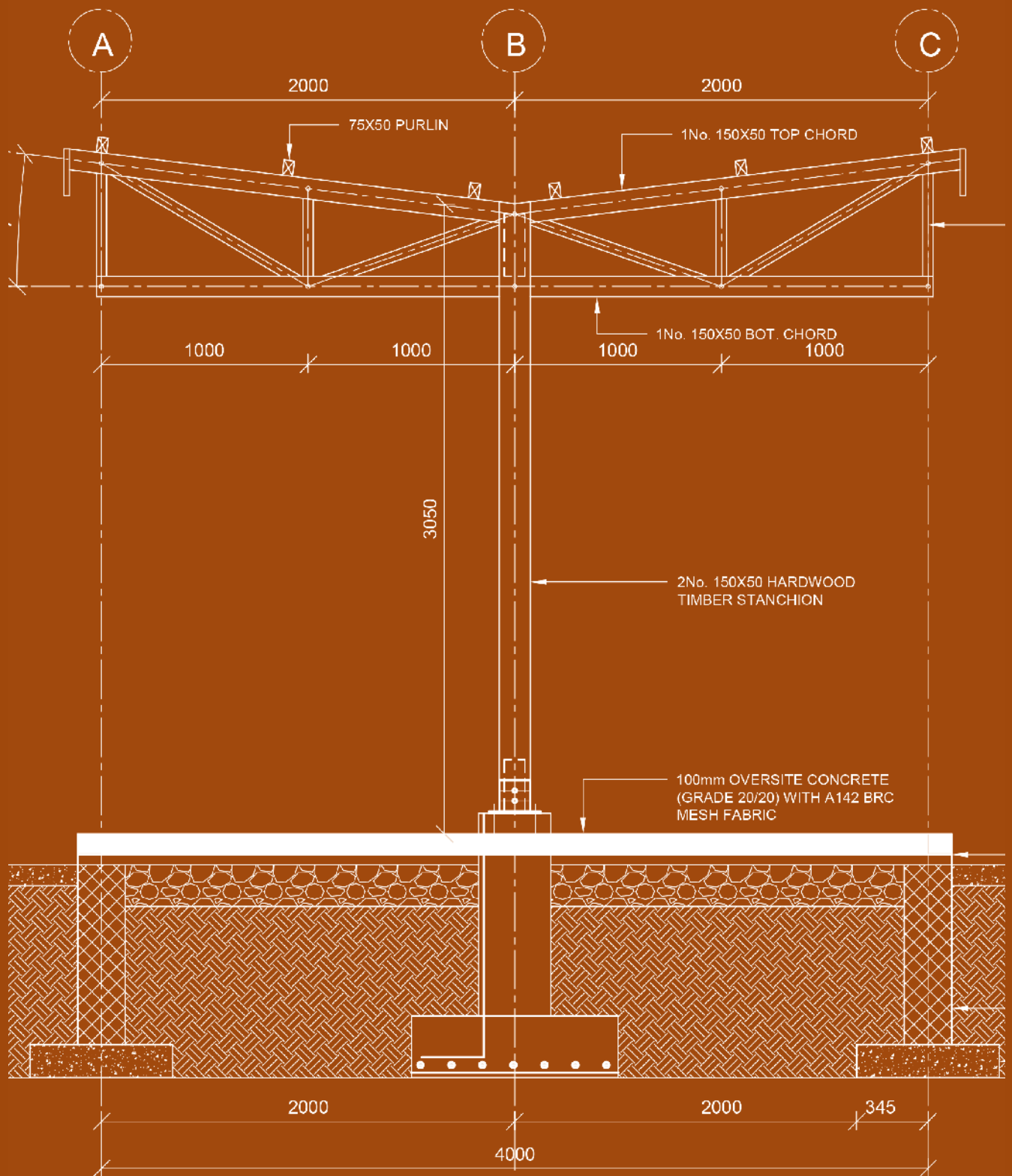
Figura 69. Teacher Frida. Fonte: Acervo pessoal



Figura 70. Alunos da Escola Honey Pot. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 71. Primeira sala de aula.
Fonte: Acervo pessoal.



Diário

Dia 01

No primeiro dia o material foi levado ao terreno. A primeira tarefa foi limpar o espaço, pois haviam muitas plantas crescendo. Em seguida, começamos a escavação nos retângulos que receberiam a fundação. A escavação foi feita com 1 m de profundidade.

Enquanto a fundação estava sendo feita, as gaiolas eram preparadas. Para isso, cortamos as barras metálicas de 16 mm (ou 12 mm) nos tamanhos da base da fundação e então dobramos as pontas uma a uma, manualmente. A seguir moldamos as gaiolas fazendo o entreamado com a barra de menor espessura.

Ao fim do primeiro dia, a escavação tinha sido concluída e as gaiolas foram posicionadas. A madeira já estava enformando o espaço que receberia o concreto.

Dia 02

O dia começou chuvoso. Aguardamos a chuva passar para finalizar a concretagem. Enquanto isso arrumamos o piso, pois estava gerando uma entrada onde o quadrado não estava completo. Igualamos o piso, criando uma extensão da fundação inicial.

Dia 03

Como a chuva atrapalhou a concretagem, estendemos por mais um

dia. Quando cheguei lá, encontrei as paredes já bem altas. com quase 2,8 m. Reforcei o aspecto da estrutura do telhado ser independente, mas que, no entanto, as paredes não poderiam passar a altura do telhado, senão teríamos um problema estrutural. Sendo assim, paramos a alvenaria por ali.

A fundação já estava concretada e desenformada. As barras roscadas estavam para fora pronta para receberem a base metálica.

Dia 04

Isaac veio a Kikajjo e Kasenge para ver como estávamos indo. Primeiro fomos ao terreno para checar a fundação. Ele observou várias etapas que tinham sido feitas de maneira distinta do que havíamos pensado. Observou que haviam modificado onde o pilar da fundação estava localizado em relação a escavação. Já tinha notado isso, mas compreendi que eles decidiram fazer de tal modo por preservar o espaço da sala e não colocar os pilares a meio metro a mais no centro da sala, como tinha sido proposto.

É claro que se estivéssemos projetando uma sala de aula e não um protótipo, teríamos levado tais dinâmicas em consideração, mas, no entanto, o que estávamos querendo averiguar eram aspectos estruturais que, no caso, seria mais interessante se tivéssemos os pilares centralizados na escavação. Isso gerou também um maior espaçamento entre os pilares, o que poderia ser um obstáculo para o madeiramento do telhado.

O segundo aspecto percebido por ele foi o fato de que não haviam sido especificados, detalhadamente, o número de barras que a fundação deveria ter, construímos da maneira que achávamos mais adequada,

sendo assim foram colocadas quatro barras roscadas para estruturas. No entanto, o que havia sido projetado, mas não mencionado (assim fica difícil) era que deveríamos ter oito.

No entanto, não haveria problema, pois havia outro aspecto relacionado a estrutura das barras que poderia ser alterado, adequando-se a estrutura de quatro barras. Antes, quando eram oito barras, estas seriam o suporte para as duas madeiras que estávamos estruturando como pilares, como havia sido feito o desenho anteriormente.

Com as alterações, estruturamos um pilar de secção quadrada e então fizemos o travamento como a peça metálica ao invés de ir dentro dos dois pilares, de tal modo que ela abraçou as duas faces do único pilar. Após verificarmos a fundação, levei-o para a carpintaria para checar as conexões das treliças.

Dia 05

Fomos ao terreno para checar as medidas e continuar a marcenaria. Quando chegamos lá, Paul sugeriu que fizéssemos o telhado conectado à parede – talvez pelo receio de que ele se mexesse no sentido das treliças. Expliquei que, na verdade, esse era o propósito de fazermos o protótipo, de checar tais conexões e estrutura. Então mantivemos o projeto. Nesse momento também observamos e conferimos que, no local, não teríamos energia elétrica, ou seja, teríamos que fazer tudo que precisasse de eletricidade previamente ou manualmente.

Durante a tarde nesse dia, após já tendo igualado todas as peças de madeira, Salon começou a montar a estrutura. Quando nos encontramos, na oficina, estava montada a primeira união: pilar e treliças. A solução

que ele tinha encontrado com o objetivo de conectar as treliças no pilar, mas que não tirassem ela do mesmo plano, foi de fazer um encaixe.

A primeira peça da treliça viria por baixo, encaixada no pilar – ele fez um encaixe usando duas ferramentas – o serrote e depois a escavadeira (para talhar a madeira). Em seguida viria a segunda peça simétrica a essa primeira por cima, no mesmo encaixe. Dessa maneira, não enfraqueceríamos estruturalmente a peça vertical – o pilar – e faríamos as peças trabalharem juntas. Para a conexão das três peças será usada um parafuso de espessura 12mm (bolts), dois em cada conexão, fixados verticalmente.

Quando vi o encaixe que Salon havia criado pensei: talvez essa conexão não seja tão didática, ou exija um conhecimento de marcenaria avançada. O ponto positivo era que em termos de ferramentas, foram usadas duas ferramentas manuais e fáceis de encontrar em qualquer lugar, mas em relação a habilidade eu imaginei que seria complexo. Então perguntei para Salon e ele disse que era realmente muito simples de fazer, qualquer pessoa poderia fazer.

Dia 06

Quando cheguei na oficina todas as peças estavam prontas para serem levadas para o local. Salon começou a furar as peças com a furadeira, mas quando viram que a broca utilizada era muito pequena, Paul sugeriu que aumentássemos o buraco no local. Então chamamos um caminhão, carregamos e seguimos para o local.

Chegamos, descarregamos. Eles ficaram surpresos que não tinha energia no local, mas eu os lembrei

que tínhamos conversado sobre isso. Então, os furos não estavam abertos e era preciso abri-los – para isso, o Paul mais tarde trouxe uma broca manual, simples e rápida de ser usada. Foi ruim não ter eletricidade, porque nos atrasou, mas em termos de processo foi bom ver que o telhado pode ser feito de maneira simples e sem o uso de ferramentas elétricas.

Enquanto isso, fui resolver sobre a placa metálica, a que faria a união entre a fundação de concreto e o pilar de madeira. O que havia ocorrido um ruído de comunicação era que o Paul havia me perguntado se o metal havia sido fundido no concreto e eu pensei que ele seria apenas parafusado nas barras metálicas que já estavam fundidas – que era a minha intenção projetual – mas como não estava e também havia um erro de furos eu fui chamar o serralheiro Robert – com quem eu já estava fazendo as janelas e portas da escola para ajudar. Robert chegou lá e levou tinta para marcar onde deveriam vir os furos na placa metálica. E aproveitamos para pedir para ele soldar as peças verticais, gerando um T na fundação.

Em seguida, terminamos de fazer os furos, de pregar as peças de união das treliças, e a estrutura estava pronta no terreno. De maneira bem semelhante como eu tinha imaginado do gabarito sendo feito no chão. Mas a diferença dessa vez, é que o gabarito foi feito pelas uniões, pelas conexões, ou seja, na hora do Salon fazer os encaixes, o encaixe se tornou o gabarito.

Era o momento de levantarmos a estrutura e trazermos para a fixação. Como eu tinha previsto, a alvenaria foi um obstáculo. O ideal seria construir o telhado primeiro independente do resto da estrutura e em seguida fazer a alvenaria. Anteriormente eu

havia conversado com Sharon sobre como deveríamos montar, sugeri que primeiro montássemos tudo e depois levássemos, mas ele achou que ficaria muito pesado.

Pensei, então, que poderíamos fixar a peça vertical, o pilar, e depois fixar as treliças. Mas no final, fomos com a primeira opção, carregamos a peça em três pessoas. Em termos de peso, de fato, não é muito pesada, mas como tínhamos o obstáculo da alvenaria, nos demandou tempo e atenção para conseguir trazê-las para dentro. Na hora de fixar foi preciso força para parafusar.

Estruturalmente estava bem firme, em relação a base não movia nem um pouco. No entanto, acima, se via que as treliças não estavam no mesmo plano, estavam meio torcidas. De acordo com Paul isso poderia ser arrumado quando colocassem os caibros, poderiam alinhar as treliças na hora de fixar os caibros. Acabamos o trabalho por aí nesse dia.

Dia 07

No último dia o objetivo era finalizar: fixar os caibros, as telhas e a calha. Percebemos que tínhamos trocado as treliças, então ao invés de água cair para um lado ela teria que pelo o outro. Os caibros foram fixados a cada 1 m de distância e as telhas metálicas fixadas com pregos. A calha, na verdade é uma placa metálica dobrada em formato de V encaixada nas telhas, o detalhe se apresentou plasticamente interessante e, em termos de recurso, é mais barato. O telhado estava pronto, fixo e estruturalmente funcional.



Figura 73



Figura 74.



Figura 75.



Figura 76.

Figura 77





Figura 78



Figura 79



Figura 83



Figura 82



Figura 89.



Figura 90

Figura 81



Figura 84



Figura 86



Figura 85



Figura 80



Figura 91

Figura 87

Figura 72. Paul, Mariana, Simon e Salon. Fonte: Acervo pessoal.
 Figura 73. Caminhão transportando materiais. Fonte: Acervo pessoal.
 Figura 74. Limpeza do terreno. Fonte: Acervo pessoal.
 Figura 75. Escavação. Fonte: Acervo pessoal.
 Figura 76. Finalização da escavação. Fonte: Acervo pessoal.
 Figura 77. Armação das gaiolas. Fonte: Acervo pessoal.
 Figura 78. Forma da fundação pronta. Fonte: Acervo pessoal.

Figura 79. Teste da conexão fundação com o pilar. Fonte: Acervo pessoal.
 Figura 80. Trelças sendo montadas. Fonte: Acervo pessoal.
 Figura 81. Trelças no terreno. Fonte: Acervo pessoal.
 Figura 82. Aumentando o furo para a conexão nas bases metálicas. Fonte: Acervo pessoal.
 Figura 83. Refazendo os furos para a conexão com os pilares de pinus. Fonte: Acervo pessoal.
 Figura 84. Trelça sendo erguida por Salon. Fonte: Acervo pessoal.
 Figura 85. Trelça sendo levada para a fixação. Fonte: Acervo pessoal.

Figura 86. Detalhe do pilar para receber a calha. Fonte: Acervo pessoal.
 Figura 87. Salon prumando as trelças. Fonte: Acervo pessoal.
 Figura 88. Foto interna do telhado pronto. Fonte: Acervo pessoal.
 Figura 89. Sala antes do protótipo. Fonte: Acervo pessoal.
 Figura 90. Sala depois do protótipo. Fonte: Acervo pessoal.
 Figura 91. Vista da sala. Fonte: Acervo pessoal.

Considerações sobre a vivência

Refleti bastante ao longo desse processo. A ideia principal era: na minha educação tudo foi muito teórico e eu entendi, como uma aprendiz, que precisava participar e ver o processo para poder compreender. Caso contrário, eu teria dificuldade de me apropriar do conhecimento e ele se tornaria apenas uma informação e não um conhecimento aplicado, uma sabedoria.

No caso da Casa de Jajja notei a importância de fazer modelos, maquetes, em diversas escalas. No entanto a maquete é útil para analisar os espaços gerados, a relação da luz, das dinâmicas internas. Mas apenas o protótipo poderia verificar questões sobre a materialização – a estrutura e os materiais.

O protótipo ensina como viabilizar aquele desenho e diz se aquele desenho tem chances de funcionar ou não. Percebe-se muitas identificações de parâmetros no protótipo, desde o tamanho da escavação necessária para fundação, as dimensões necessárias de fundação para alcançar o resultado desejado, ao processo de montagem.

Sendo assim, se para mim, o importante dos projetos em territórios vulneráveis é a sua viabilização, é de extrema importância conseguir validar essa construção através do protótipo. Compreendo o quanto o protótipo demanda, leva tempo e energia, mas, na minha experiência, é mais importante organizar um tempo para fazer protótipos do que investir tempo em imagens finais, que como o próprio termo já diz, são meras ilustrações.

A experiência com esse protótipo foi quase um procedimento metalinguístico de tudo o que venho

contando sobre o processo. No protótipo pude reavaliar, perceber, me apropriar e compreender tudo o que estava fazendo até agora. Antes, enquanto uma fundação era apenas um detalhe construtivo imagético, agora eu tinha colocado material em cada barra necessária para sua construção.

Entendi que a fundação tem que ser muito bem-feita para receber as próximas conexões, com estabilidade. E que tais conexões precisam ser testadas antes, pois qualquer modificação realizada in loco pode enfraquecer a conexão que tem grande responsabilidade estrutural.

Por fim, pude compreender que, muitas vezes, aquilo que tem uma estética agradável aos olhos de quem projeta, pode também sugerir um processo inseguro para quem constrói, tornando, de fato, o processo algo extremamente relevante, além das pessoas – o critério mais importante ao se projetar. Aprendi muito e continuo ligando, diariamente, para Frida em busca de informações sobre a estrutura do protótipo.

102 *Capítulo 2*

Construção

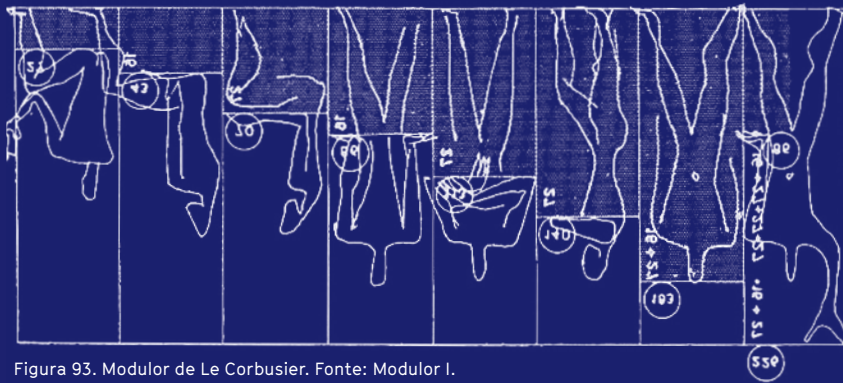


Figura 93. Modulor de Le Corbusier. Fonte: Modulor I.

*Como
trabalhar com
mais leveza*



Figura 105. Alunas: Amanda Paiosin, Cristina Kesselring, Guilherme Haber, Luiza Soler Marcella Marin, Mariella Micheletti, Maria Júlia Gouveia, Mariana Montag, Marcella Ferreira. Fonte: Acervo pessoal.

Semana de Integração
Como trabalhar com mais leveza

Voltei a São Paulo em março de 2019. Estava na fase de encerrar a pesquisa e concluir o Trabalho Final de Graduação. Coloquei como objetivo dessa fase começar a resolver as questões que o protótipo levantou e desenvolver um manual construtivo como produto final.

O protótipo, como dito anteriormente, demonstrou um importante aspecto que era preciso ser discutido: o processo construtivo. Uma das principais diretrizes do projeto é que o processo construtivo seja didático e a montagem seja fácil; ou que, de alguma maneira, pudéssemos pensar um método que o tornasse mais leve.

A pesquisa tomou então dois caminhos: em primeiro lugar busquei compreender de onde vinha a lógica construtiva, desde as suas mais essenciais métricas; em segundo lugar, a prototipagem para repensar os processos.

A parte teórica da pesquisa foi compreender que existe em nosso sistema construtivo uma lógica dominante. Esta, por sua vez, tem seu início com a essência do pensamento sobre construções e proporções, como coloca em evidência Ana Gabriela Godinho Lima (2004, p. 136):

Acho interessante explorarmos um pouco mais o conceito de “dominação simbólica”, um mecanismo de submissão do feminino ao masculino subjacente ao discurso arquitetônico e que encontra raízes no Renascimento, e evidentemente, vai mais além em direção ao passado. Ao analisarmos o discurso arquitetônico pro-

duzido no Renascimento, porém, lidamos já com um pensamento que procurava se organizar e sistematizar, o que torna mais fácil identificar certos padrões simbólicos que estruturaram algumas ideias predominantes.

A autora continua construir o seu pensamento em seu doutorado sobre Arquitetura e Gênero, analisando os estudos de Diana Agrest (1991). Coloca que se pode perceber então que, na elaboração das ideias universais, homogeneizadoras do universo, a ideia do “homem como medida de todas as coisas” encontra um grande elemento ameaçador, o corpo da mulher, e suas diferentes medidas, proporções e funções (LIMA, 2004). Citando a síntese de Diana Agrest sobre as instâncias nas quais a mulher é sucessivamente excluída, usurpada e reprimida no discurso ideológico universalizante do Renascimento:

O corpo masculino é projetado, representado e inscrito no desenho dos edifícios e das cidades e nos textos que estabelecem sua ideologia.

O corpo feminino é suprimido ou excluído.

O próprio arquiteto é apresentado como mulher nas funções de criação e reprodução, operando uma substituição sexual ‘literal’.

O corpo masculino se transforma em corpo feminino em suas funções de nutrir – dar vida – à cidade; o útero da mulher se torna o umbigo do homem.

(AGREST, 1991, p. 184)

O sistema estudado e repercutido sobre métrica, proporção, escala e composição são as bases do conhecimento arquitetônica e que veio a ser a base fundamental das teorias arquitetônicas do século XX. Ana Gabriela Godinho Lima (2004, p. 144) exemplifica tal desenvolvimento no estudo sobre o sistema de medidas pensado por Le Corbusier:

Vejamos, por exemplo, o sistema de medidas e proporções desenvolvido por Le Corbusier, descrito em sua obra O Modulor: uma medida harmoniosa para a escala humana aplicável universalmente à Arquitetura e Mecânica, publicado em 1948, complementado por Modulor I”, publicado em 1954.



Figura 94. Salon erguendo a treliça. Fonte: Acervo pessoal.

Figura 95. Jajja lavando as folhas de bananeira. Fonte: Acervo pessoal.

Ao analisarmos a métrica universal desenvolvida por Le Corbusier fica claro em quais indivíduos essa lógica se baseia, nos homens. O que se quer ressaltar como problemática em relação a essa lógica é que ela estipula um sistema dominante. De acordo com Ana Gabriela Godinho Lima (2017, p. 146):

Pois bem, o autor discorre, no início de seu trabalho, sobre como a imposição de um sistema de medidas é também uma forma de dominação, uma vez que maquinários e materiais de construção passam a ser produzidos de acordo com esta lógica e, antes disso, pessoas têm que ser formadas de maneira a pensar segundo esta lógica, o que justifica a acirrada disputa pela imposição de um sistema de medidas.

Com o que foi colocado, na segunda parte da pesquisa, quis-se colocar em discussão, de maneira prática, como poderíamos abrir esse diálogo sobre repensar a lógica construtiva, incluindo a mulher. O processo do protótipo iniciou-se, felizmente pela energia somada, com a união de outros estudantes da faculdade por meio da Semana de Integração (Figura XX) – uma semana focada na associação e troca de experiências entre alunos de diversos semestres da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Nesta edição o tema proposto foi a discussão dos trabalhos finais de graduação.

Quando começamos a discussão em conjunto expus para o grupo a situação. O projeto se trata de uma casa onde sua construção tem a intenção de ser uma escola de capacitação para mulheres na área da construção (figura 92).

Compartilhei sobre a métrica a qual tínhamos sido ensinados a pensar (Figura 93) e em contrapartida propus que observássemos se essa lógica correspondia à realidade na qual estávamos trabalhando (Figura 94 e 95).

Construção

Após uma reflexão com o grupo, incitei que pensássemos se haveria alguma outra lógica que possibilitasse erguer as treliças, com o objetivo de tornar o trabalho mais leve e colocar a mulher como agente principal. O grupo trouxe, após se auto observar (a maioria eram mulheres) e compreender os hábitos locais, que seria interessante a compreensão de dois pontos: onde estava o ponto de maior peso na estrutura da treliça e onde estava o ponto de maior força no corpo da mulher. A partir disso começamos a estudar o sistema construtivo das habitações indígenas (Figura 96) – por seu uso de tecnologias locais para a construção – e fazer uma relação com os pontos levantados (Figura 97).

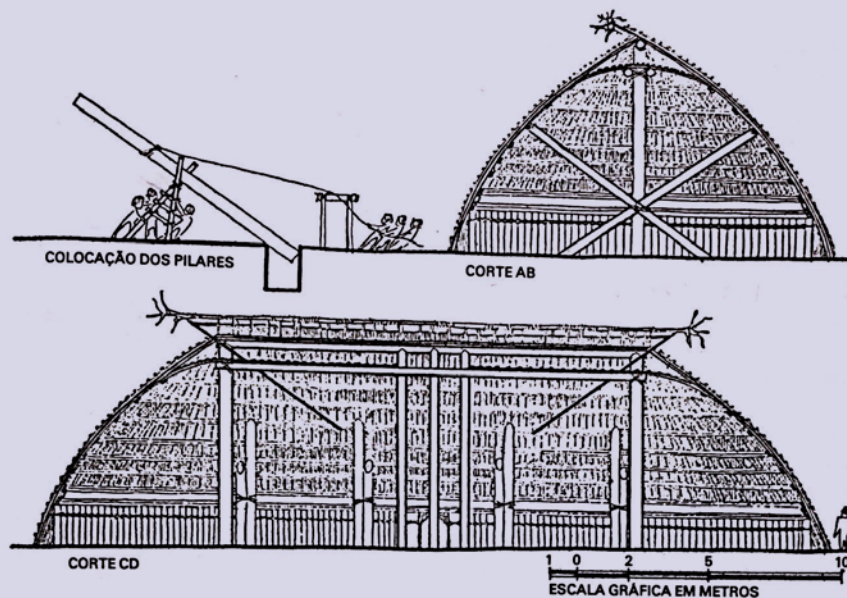
Acreditei que era importante nessa semana de trocas que houvesse a parte prática. Sendo assim, a partir da reflexão em grupo, desenvolvemos uma peça (Figura 98) que teria funções múltiplas no processo construtivo. A função principal dessa peça era auxiliar na montagem da treliça e ajudar a içá-la. Fomos a marcenaria e ao canteiro para elaborar o protótipo e experimentar, na prática, o pensamento (Figuras 99 e 100).

Após a montagem começamos a especular as diferentes maneiras de erguer a treliça, onde estariam os pontos para içar, sendo seu peso total de 120 kg. A treliça será montada em cima dessa peça, ela possui, em uma de suas faces, uma altura confortável para a união das asas aos pilares. Em seguida, com a treliça pronta apoia-se o pilar na fundação, onde haverá um travamento metálico para prumar a treliça. Testamos no canteiro esse sistema de içamento.

A peça foi pensada, também, para que tivesse múltiplos usos (Figura XX), que ela pudesse ser começar a sua função na obra, mas também fosse parte da casa como algum elemento, ou seja que ela terminasse sendo utilizada na casa.

Esta peça possui diferentes faces estruturantes e é esse aspecto que gera os diferentes usos. Será utilizada como: estrutura que facilita a montagem da treliça; andaime, arquibancada para descanso no canteiro; e, em seguida, será desmontada para unir-se a alvenaria da casa e transformar-se em mobiliário.

A pesquisa iniciada foi muito rica para perceber o vasto campo de projetos que existe dentro do próprio processo de projeto. O passo a passo da construção, da união da peça à estrutura, será mais detalhadamente apresentado no manual de construção da casa.

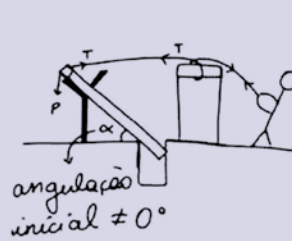


91. Estrutura de casa Yawalapiti: cortes AB e CD (casa 4 na planta geral da aldeia) e esquema do método de colocação dos pilares.



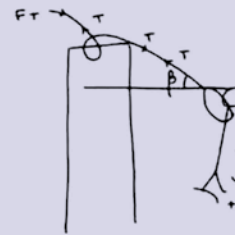
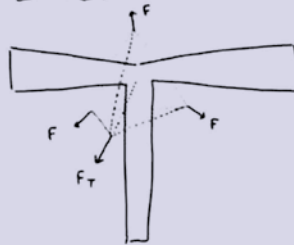
92. Estrutura de casa Yawalapiti (casa 1 na planta geral da aldeia, de padrão tradicional com estrutura simplificada), 1978 (foto E. Bacellar).

TRABALHO SOBRE AS OCAS



Entendendo como funciona o sistema de compensação que torna mais fácil erguer a madeira no processo construtivo das ocas.

ENTENDENDO A ESTRUTURA A SER LEVANTADA



$$G = F \cdot d \cdot \cos \beta$$

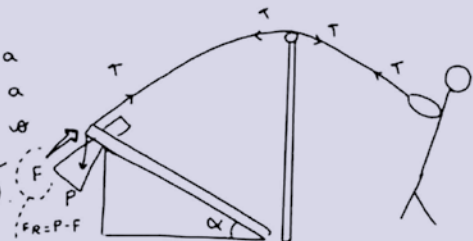
Compreender a força exigida pelo sistema através das forças atuantes + angulações.

$$60^\circ \rightarrow G = 0,5 F d$$

$$45^\circ \rightarrow G = 0,7 F d$$

NOVA PROPOSTA

Força F ajuda a tirar a estrutura da inércia com a angulação α , diminuindo o esforço do operante que manipula a tração (T).



Como as mulheres trabalham na agricultura, elas tem mais força na região dos braços. Assim, imprimem sua força como indicado, combatendo o peso da estrutura.

Figura 100. Aluno Guilherme e alunas Cristina e Amanda preparando o apoio do pilar.

Fonte: Acervo pessoal.

Figura 99. Alunas Maria Julia, Amanda e Mariella montando a peça.

Fonte: Acervo pessoal.



Figura 98. Peça desenvolvida.

Fonte: Acervo pessoal.

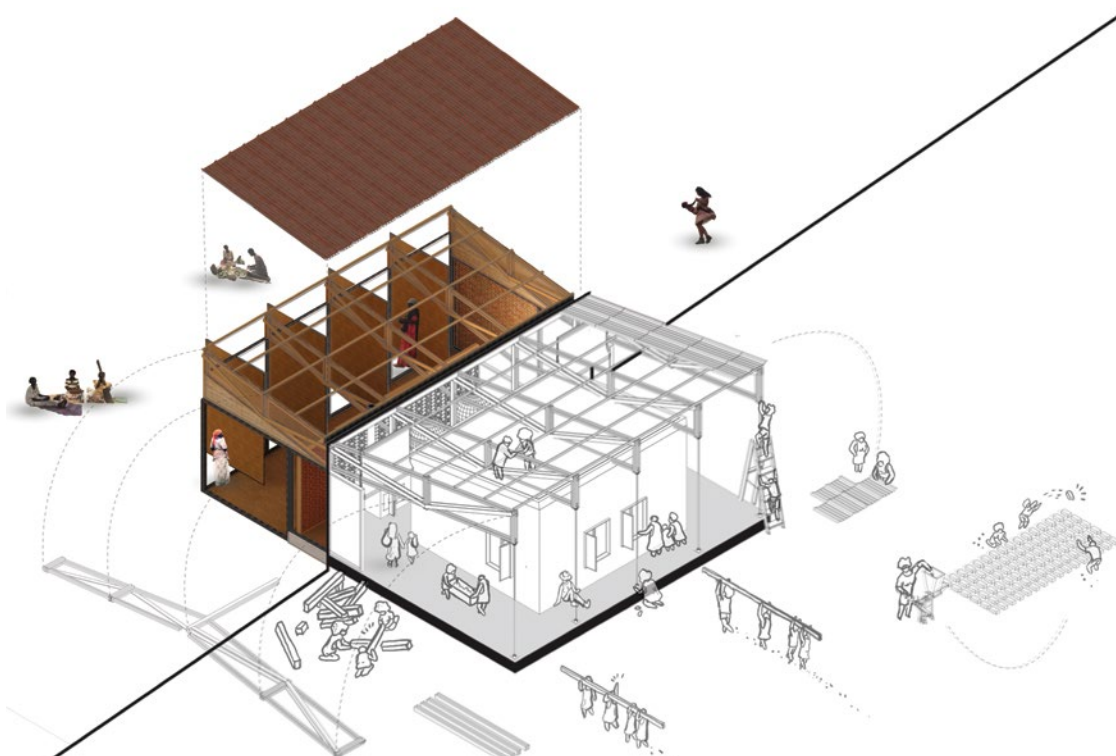
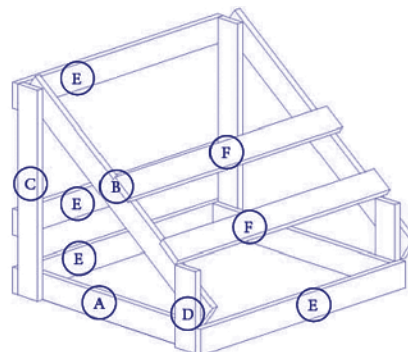


Figura 92. Axonométrica vivência x construção. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 101. Protótipo referente a base do pilar. Fonte: Acervo pessoal.

Figura 102. Nó de marinheiro referente ao sistema de polias do processo. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 103. Alunas testando o protótipo. Fonte: Acervo pessoal.

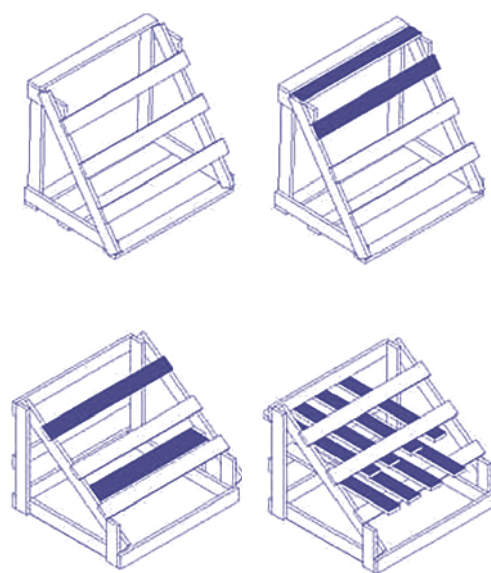


Figura 104. Distintos usos. Em sentido horário: Andaime, Escada, Espreguiçadeira e Estante. Fonte: Acervo pessoal.

2.2 O Projeto Final

Figura 108. Fachada e Corte B.
Fonte: Acervo pessoal. (embaixo)

Após a reflexão do projeto preliminar, as reuniões com a Jajja e a elaboração dos protótipos, o projeto foi alterado para chegar a uma conclusão. As alterações focaram em quatro principais pontos: o redimensionamento da estrutura; alteração de dimensão dos espaços internos de acordo com as solicitações feitas por Jajja; a solução da captação de água; e, a segurança da casa.

Voltando ao partido inicial, a relação com a água na casa se dá pelo reservatório centralizado na casa (Figura 106), onde é possível que a água seja observada caindo através do coletor vertical para o reserva-

tório. Essa água é distribuída centralmente pela casa, onde ela é utilizada.

O fogo está no fogão, a lenha na entrada à esquerda, onde a frente separada por painéis pivotantes encontra-se o espaço de compartilhar e comer. A paz, o descansar, está nos dois dormitórios que foram aumentados para poder gerar ambiências de privacidade, mas também uma interação com espaço externo, locução por meio dos bancos se quisto por meio dos bancos gerados pela alvenaria.

O desenho da alvenaria e sua estrutura tem a intenção de gerar situações diversas. No lado de fora (Figura 107), além

da segurança, proporciona uma brincadeira de planos e profundidades na entrada da casa. Esses planos são interativos, pois contém janelas e muretas que são, também, pensados como bancos. Além disso, a própria alvenaria possui nichos para receber a peça usada como processo construtivo como mobiliário.

Por fim, o espaço do compartilhar encontra-se na parte frontal da casa. Essa abertura se prepara para, se for do querer das usuárias, que repliquem o projeto e gerem uma casa maior, compartilhada.

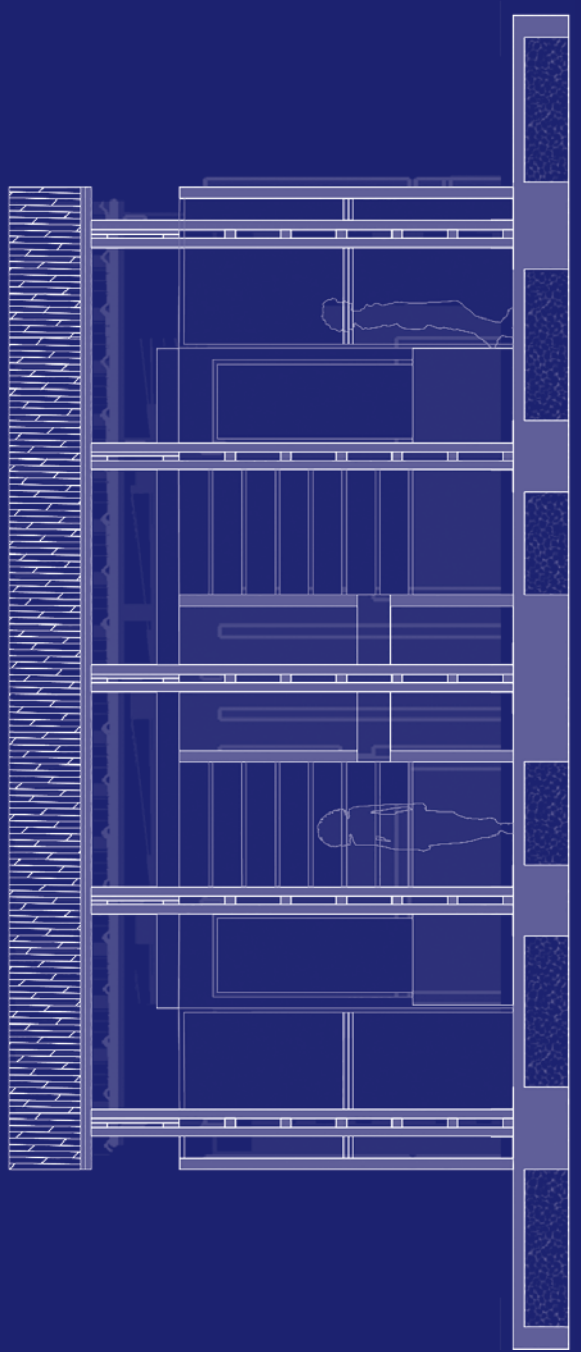
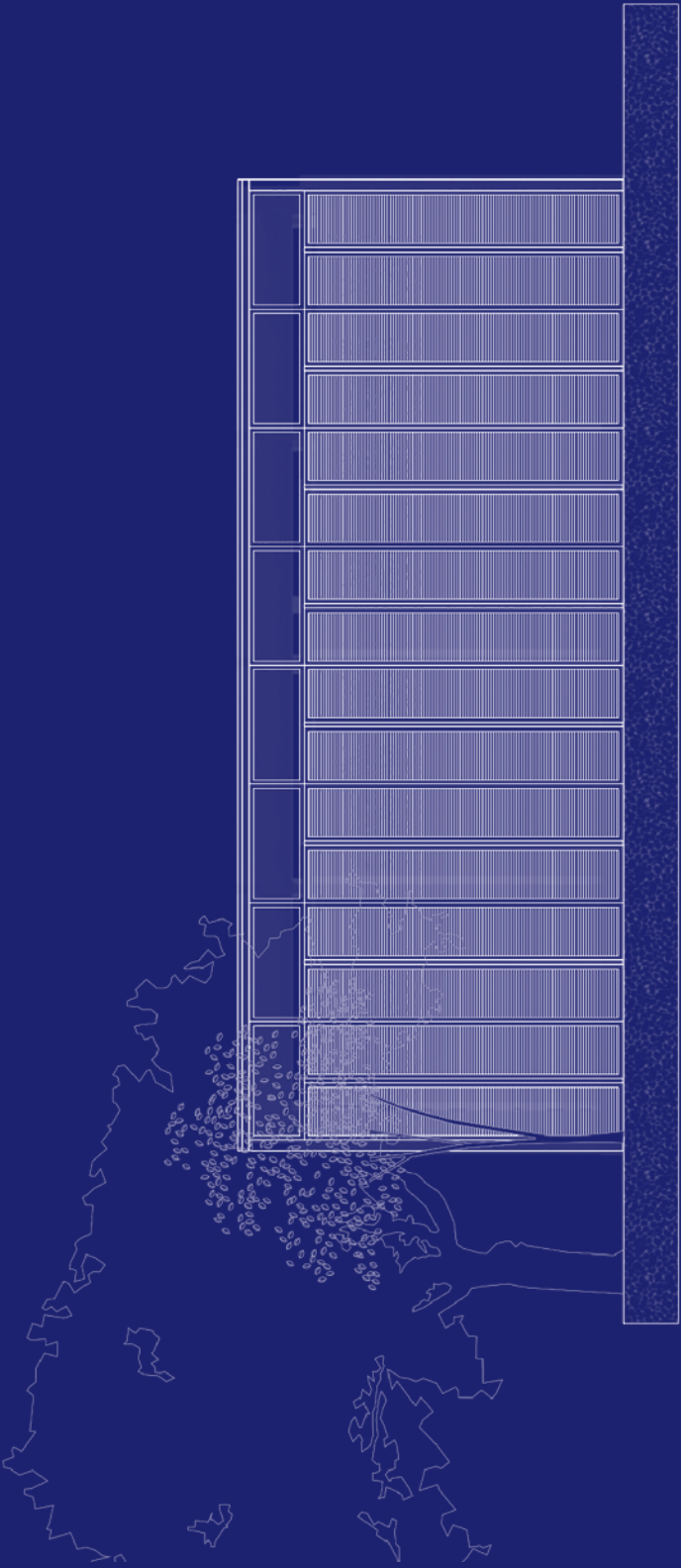
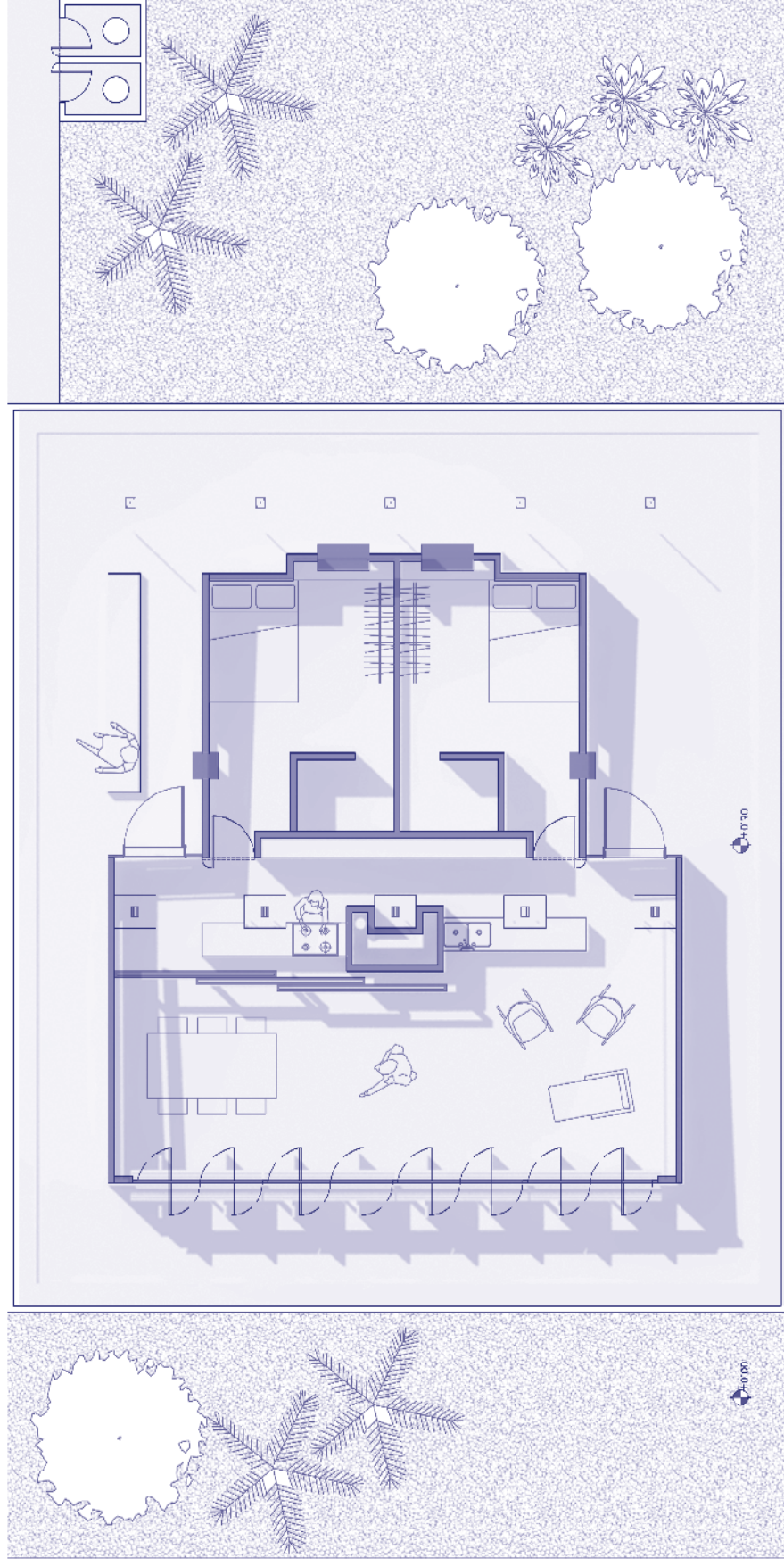


Figura 106. Planta da Casa de Jajja. Fonte: Acervo pessoal.



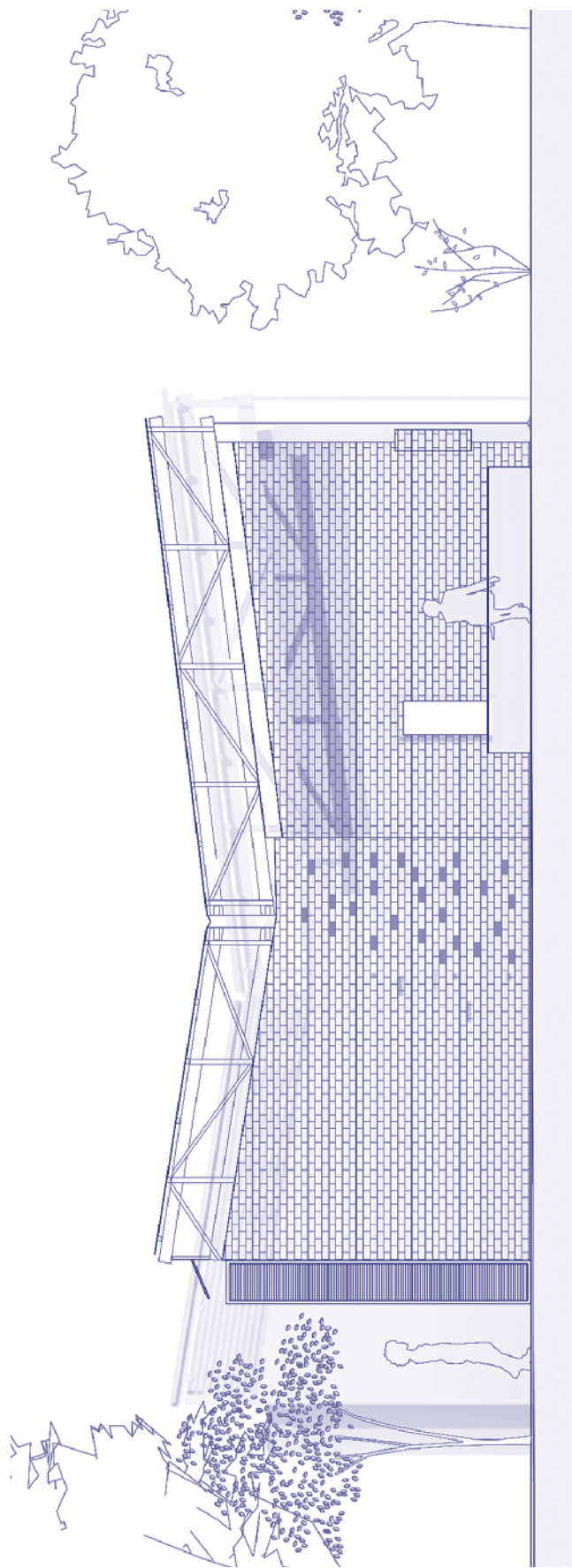
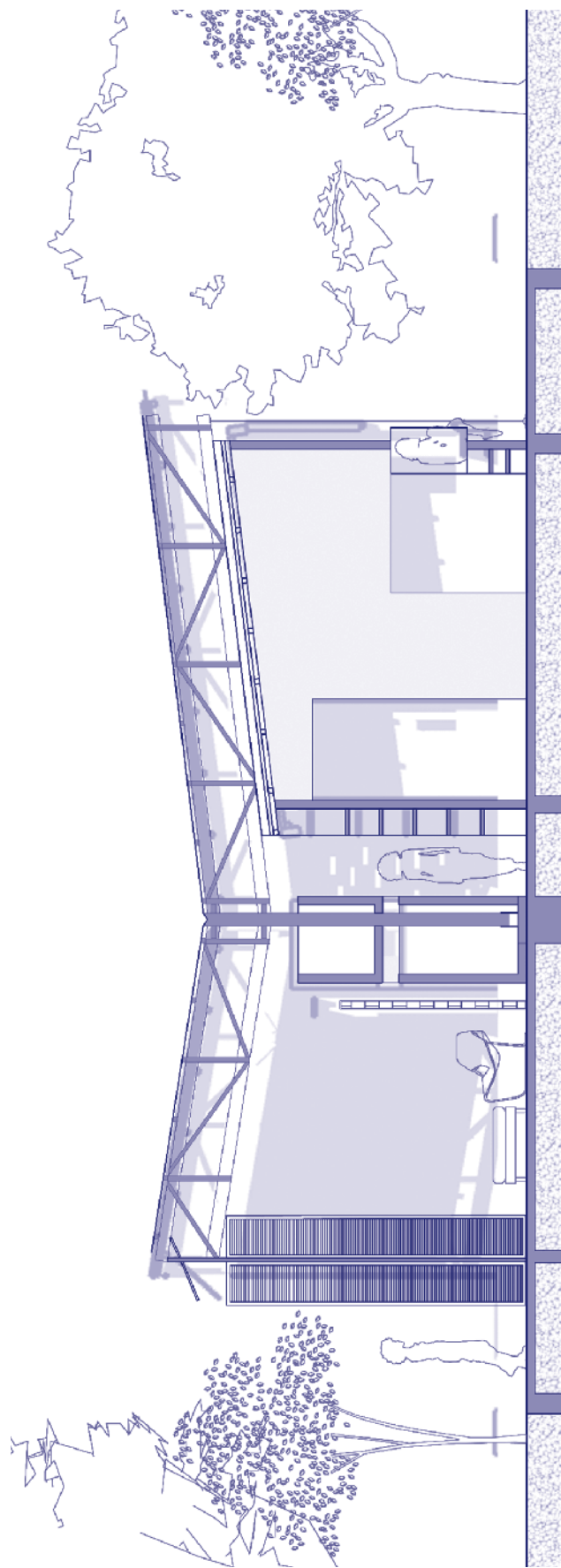


Figura 107. Fachada e Corte A. Fonte: Acervo pessoal.



2.3 Orçamento

Descrição	Un	Qtd	Valor	Total
ELEMENTO n° 1: SUBESTRUTURA (todos provisórios)				
Água para trabalho, ferramentas, planta e andaime	item	1	125,000	125,000
Preparação do terreno				
Escavar o terreno para remover o solo superior média 250mm grossa e remover do local.	m2	168	2,000	336,000
Trate a superfície do subsolo ou enchimentos e arredores com solução anti-cupim química aprovada: garantia de dez anos.	m2	101,5	500	50,750
Escavação e terraplenagem. Nota: as taxas de escavação para incluir para manter escavações livres de água, nivelamentos e contenções para os lados das escavações				
Escavar para reduzir os níveis e remover do local.	m3	21,75	4,000	87,000
Escavar trincheiras para fundações de parede: iniciando a partir de níveis reduzidos: não superior a 1,5 m de profundidade.	m3	31,25	4,000	125,000
Descarte de material escavado				
Material escavado selecionado no enchimento das trincheiras da fundação: no alinhamento das vedações: camadas de 200mm: lançada e compactada a 95% MDD	m3	24	21,000	504,000
Remove o material escavado excedente do local	m3	7,25	4,000	29,000
Hardcore				
150mm enchimento: depósito, espalhamento, nível e compacto: 25mm selecionado a granulometria.	m2	44,75	11,500	514,625
Agregado concreto da classe 20/20mm do InSitu como descrito.				
200 milímetros de espessura fundações de concreto em trincheiras	m3	4,75	495,000	2351,250
laje sobre solo a base de terra de 100mm (solo-cimento)	m2	53,00	49,500	2623,500
Reforço				
Reforço de malha ref no. A98 tamanho 100 x 100 mm	m2	53,00	12,000	636,000

Descrição	Un	Qtd	Valor	Total
Construção do telhado (treliças de madeira)				
A construção do telhado inclui içar e fixar aproximadamente 3.2 mm acima do nível à terra.				
Madeira de pinho seca adequadamente pintada com conservante de madeira aprovado:				
50 x 100mm Calbro	m	76	4,000	304,000
50 x 150mm Terças	m	51,5	4,000	206,000
50 x 150mm Montantes e diagonais	m	30,5	6,000	183,000
50 x 150mm Principais vigas	m	41,75	6,000	250,500
75 x 100mm Placa de parede	m	20,25	6,000	121,500
Cobertura de telhado				
28 chapa corrugada 14/2 e 150mm terminam voltas com e que incluem pregos aprovados da telhadura fixadas com pregos galvanizado e com arruelas vedante plástico.	m2	75,000	37,000	2775,000
28 mata junta das chapadas	m	4,75	25,000	118,750
Beirais				
placa de cipreste de 25 x 225mm	m	21,000	20,000	420,000
Respiradouros do telhado				
Aberturas de telhado tamanho 230 x 460mm com blocos de vedação tipo Kajjansi.	item	1,000	20,000	20,000
Pintura				
Primer aplicado em três demãos de tinta de óleo brilhante para superfícies de madeira				
primer aplicado nos beirais em três demãos de pintura a óleo de brilho de madeira 25 x 225mm.	m	21,000	10,200	214,200
				6814,575
ELEMENTO NO. 3: PAREDES EXTERNAS				
Alvenaria em argila queimada tijolo de cimento e areia argamassa traço 1:3; incluindo 25 x 3mm aço de transpasse horizontal.				
230 milímetros de espessura reforçada com e incluindo 25 x 3mm transpasse horizontal a cada 3 fladas.	m2	39,25	46,500	1825,125
				1825,125

Cofragem serrada como descrito para:				
Bordas verticais da laje sobre o solo: sobre 75mm mas não excedendo 150 milímetros de altura.	m	18,75	26,000	487,500
Alvenaria em tijolos de argila queimada com argamassa de cimento e areia 1:3 mistura, com 25 x 3mm Hoop tiras de ferro colocado horizontalmente cada curso alternativo.				
230 milímetros de espessura Walling.	m2	56,25	46,500	2615,625
Artigos Vários				
Uma membrana de polietileno gramatura 1000 a prova da água com sobreposições e emendas de 30 cm.	m2	53	500	26,500
Impermeabilização com feltro betuminoso: cama em cimento e areia (1:4) argamassa: 30cm de sobreposições e emendas.				
Horizontal: 230mm	m	29	800	23,200
Idem: 150mm	m	18	500	9,000
Soleira e proteção contra respingos				
100mm de argamassa de regularização	m2	12,48	5,500	68,640
15mm de argamassa despenpada (madeira float).	m2	28	10,200	285,600
50mm de concreto magro com forma e reforços sob o limite dos fechamentos (concreto classe 25/18mm agregado,malha de reforço ref A98)	m2	11,5	45,000	517,500
				11415,690

ELEMENTO NO. 2: TELHADO				
InSitu grau concreto 20/20mm: vibrado, reforçado como descrito				
200x200mm vigas de anel	m3	1,5	495	742,500
Reforço de aço suave como descrito incluindo corte em comprimentos, flexão, içamento e fixação, incluindo todos os fios amarrando necessários e blocos de espaçamento.				
barra de 8 mm de diâmetro	kg	54,75	4,000	219,000
Reforço da barra de aço de tração de alto rendimento para BS 4449 como descrito incluindo corte em comprimentos, dobra, elevação e fixação incluindo todos os blocos de amarração e espaçamento necessários.				
barra de 12 mm de diâmetro	kg	114,75	4,500	516,375
Forma como descrito para:				
Laterais e fundos de vigas	m2	18	26,000	468,000
Alvenaria em tijolos de argila queimada com argamassa de cimento e areia 1:3; com e incluindo 25 x 3mm transpasses com aço horizontal em cada alinhamento.				
Frontão de 230mm	m2	5,5	46,500	255,750

ELEMENTO NO. 4: JANELAS E PORTAS EXTERNAS				
Trabalho de concreto				
Vigas de borda moldadas inloco armadas com barras de aço longitudenais 25/12mm. Estribos de 8 milímetros a cada 200mm.				
150 x 200 mm de altura	m	3,75	49,500	185,625
Concreto moldado inloco.				
Tipo de janela: tamanho 1000 x 1200mm altura total	no	4	200,000	800,000
Portas de aço manufacturadas com seção W20 padrão: pré-montada e entregue no local: ferragem, dobradiças, mecanismos com tratamento primer protetivo.				
Porta de aço com o frame de porta 1,5 mm de 45mm completos com os acessórios da porta que incluem o metal.	no	4	650,000	2600,000
Forneça e repare o seguinte ferragens de “União” manufatura como descrito.				
25mm porta de borracha parar ligado à parede ou chão.	no	3	5,000	15,000
Dobradiças da extremidade, 75 x 100mm: aço inoxidável terminado.	prs	4,5	10,000	45,000
3 batentes	prs	3	60,000	180,000
Vídrós				
vidro de folha desobstruído de 4mm à janela do metal.	m2	5,5	60,000	330,000
Pintura das caixilharias				
Superfícies gerais: janelas, portas e molduras	m2	18,5	10,200	188,700
Primeira demão, aplicada com rolo de pelo ou pincel com tinta a óleo: em superfícies vitrificadas do metal	m2	8,25	10,200	84,150
				4428,475

ELEMENT NO. 5: PAREDES INTERNAS E DIVISÓRIAS				
Alvenaria em tijolos de argila queimada em argamassa de cimento e areia 1:3 traço, com e incluindo 25 x 3mm transpassada com armadura de 12mm de metal.				
230mm espessura Walling reforçado com e incluindo 25 x 3mm Hoop tiras de ferro colocado horizontalmente cada curso alternativo	m2	29	46,500	1348,500
				1348,500
ELEMENTO NO. 6: PORTAS INTERNAS				
Trabalho com concreto				
Vigas internas moldadas inloco armadas com barras de aço longitudenais 25/12mm. Estribos de 8 milímetros a cada 200mm.				
150 x 200 mm de altura	m	7,50	49,500	371,250

Descrição	Un	Qtd	Valor	Total
Painel interno de madeira.				
Painél pivotante de 45 x 125mm.	no	3	350,000	1050,000
Moldura de porta de madeira fabricada a partir de madeira da estação tamanho 800 x 2100mm.	no	3	200,000	600,000
Instalação das portas internas.				
Dobradixas da extremidade, 75 x 100mm: aço Inoxidável.	pr's	6	10,000	60,000
25mm vedação entre a moldura e a folha da porta.	no	4	5,000	20,000
3 maçanetas fechamento completo.	no	4	60,000	240,000
Pintura				
Primer dos painéis aplicação em 3 demãos.				
Superfícies gerais: portas	m2	14,75	10,200	150,450
				2491,700
Tijolo de fechamento dos painéis internos.				
Preparação e aplicação de pintura latex com rolo ou pincel.	m2	191,25	10,200	1950,750
Acabamentos de teto				
9 x 24 SWG galvanizado expandido metal torneado - roda teto.	m2	43,5	6,000	261,000
argamassa de cimento e areia (1:4) chapiscada para teto.	m2	43,5	17,000	739,500
argamassa de acabamento de cimento e areia de 12mm.	m2	43,5	17,000	739,500
Tratamento fungicida e de cupins.				
50 x 75mm nas tábuas	m	127	3,500	444,500
50 x 100mm vigas	m	203,25	4,000	813,000
Preparação e aplicação de três demãos de tinta de emulsão de primeira classe sobre				
Acabamento de teto.	m2	43,5	10,200	443,700
				5391,950

33716,015

2.4 O Financiamento

A publicação além do produto de uma pesquisa é um convite ao engajamento. Sintam-se muito bem-vindos para fazer parte da Casa de Jajja.

É com muita satisfação que chego até aqui para compartilhar a maneira de viabilizar a pesquisa: o financiamento.

Junto de colaboradores diversos

montamos uma campanha de

financiamento coletivo (benfeitoria.

com/acasadejajja.com). A campanha

está no ar e tem duração de 1 mês.

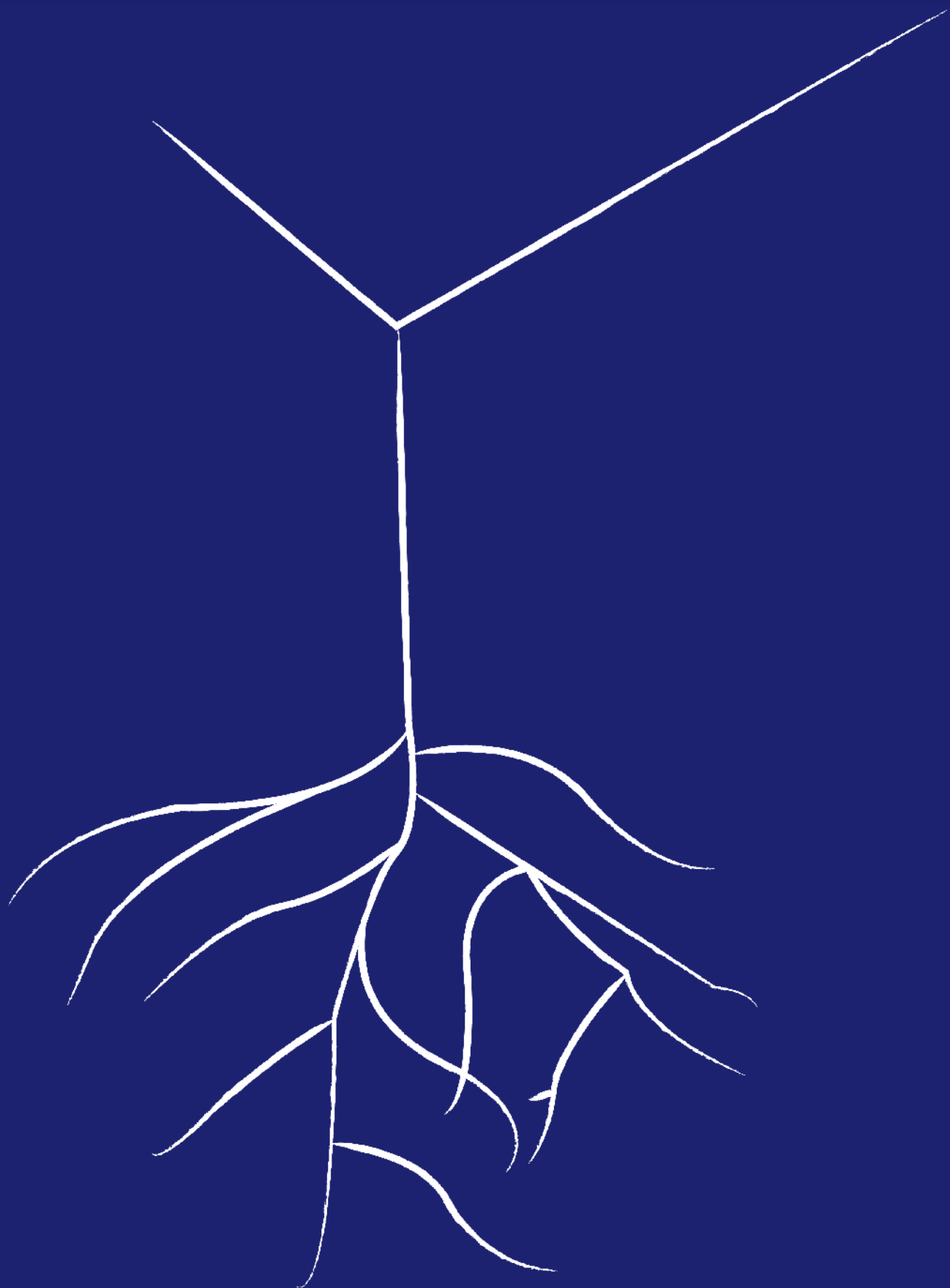
Contamos com todos para compartilhar, contribuir e se conectar ao projeto!

Obrigada.

acasadejajja.com

acasadejajja@gmail.com

IG @acasadejajja





Entrevistas: As casas e suas usuárias

Entrevista com Namukenya Maimuna

A casa é alugada ou é própria?
A casa é própria.
Quando foi construída? Você já a comprou construída ou construiu?
Eu construí.
E como foi esse processo? Quem desenhou?
Eu fiz as plantas.
Você fez as plantas?
Não, meu marido.
E depois o seu marido entregou as plantas para alguém executar?
Sim, ele entregou para os construtores.
Seu marido fez as plantas sozinho ou você deu algumas opiniões?
Eu dei algumas opiniões.
Quais foram as suas opiniões?
Falei que queria 3 cômodos, com uma loja na frente. Tem um quarto que é uma loja, uma sala de estar e um quarto.
Qual era a sua ideia da casa?
Eu pedi que tivesse uma loja para que pudéssemos fazer um dinheiro para pagar as taxas escolares e cuidar do orçamento da família.
Você pode me explicar mais da casa?
A sala de estar é para receber visitantes, para estar com os amigos.
São 3 cômodos.
Eu tenho um plano de somar mais um cômodo se eu conseguir dinheiro.
E a cozinha? Por que a cozinha é lá?
Eu cozinhava na varanda, lá fora. Decidi construir a cozinha para ficar lá. Eu coloco minhas coisas lá, água, utensílios de cozinha.
E quando você falou da casa para o seu marido, ela se tornou o que você imaginou quando foi construída?
Eu estava cansada de alugar.
Você está satisfeita com a construção?
Eu quero comprar outra terra e construir outra casa onde eu possa alugar essa e viver do aluguel.
E na outra casa você vai viver com quem?
Com a minha família.
A cozinha eu vou transformar em um quarto para alugar. E depois construo outra cozinha.
Você pode me contar como se sente em cada espaço?
Na sala de estar me sinto confortável. Normalmente as pessoas tem um quarto só, e eu tenho mais, então me sinto confortável.
E na cozinha, como você se sente? É útil?
É funcional pra mim, porque eu faço minhas coisas lá.

E você gosta do que faz?
Claro que eu gosto, porque eu tenho a minha casa, outras pessoas não tem uma casa.
Você pode me contar da sua rotina?
Eu limpo, passo pano, lavo as roupas.
Lava as roupas lá fora?
Não, na cozinha. Também uso a cozinha para lavar as coisas.
E o banheiro?
Lá em cima. Uso para banheiro e tomar banho.
E seus meninos? Dormem aqui?
Não, aqui eu.
E o marido?
Também, quando ele vem.
Você mudaria alguma coisa na casa?
Se eu tiver dinheiro eu vou mudar. Quero construir uma casa com quartos para alugar.
Sem cozinha?
Com store, as pessoas utilizam isso para cozinhar.
E você, o que acha da cozinha? Você gosta de cozinhar dentro ou fora?
Dentro, sem dúvida. As pessoas vêm o que você cozinha e fofocam. Dependendo do que você cozinha, ou se você não cozinha, pensam que você não tem dinheiro. Então se eu cozinho dentro, ou não cozinho, ninguém sabe.
Você se sente confortável porque você se esconde?
Sim, porque eu me sinto escondida.
E na sala? Você se sente escondendo ou compartilhando?
Na sala, é só para eu ver minha televisão, para gastar tempo.
Aquí as pessoas te vêem?
Sim, as pessoas passam e perguntam por mim, vem a porta aberta. E na cozinha, ninguém me vê, lá me escondo.
Quando seu marido vem para a casa?
Uma vez por semana.

Entrevista com Omosumesa Frida

Você pode me falar um pouco sobre como foi o processo de construção da casa? Onde você estava morando antes? Você pode contar a história?
A história, estávamos alugando, mas tínhamos uma terra e eu e meu marido falamos como podemos começar a construir a casa. Nós tínhamos essa terra, então decidimos começar a fazer os tijolos, comecei a ajudá-lo buscando água para a produção. Então eu consegui um emprego em um lugar e ele continuou fazendo os tijolos, depois de fazer os tijolos que ele começou a construir.
Antes de começar a construir a casa, ele desenhou a casa? Como surgiu a ideia da casa?
A ideia surgiu, ele é um encanador, ele viu uma casa não como esta, mas teve uma ideia, e ele desenhou e foi para o distrito para aprovação. E depois disso ele começou a construir.
Vocês dois discutiram o desenho juntos? O que você queria?
Queríamos 3 quartos, primeiro desenhamos 3 quartos e depois vimos que não podíamos financiar os 3, mas depois começamos os 2 quartos.
Vocês fizeram o desenho juntos? Você, Frida, deu opiniões?
Sim. Ele desenhou com a cozinha do lado de fora. E então eu disse não, nós desenhamos assim e colocamos a cozinha dentro. Sim, eu estava envolvida no desenho.
Por que você queria você queria a cozinha dentro?
Eu queria ter dentro porque às vezes eu chego atrasada da escola e não é bom ficar para o lado de fora. Então, quando você tem uma cozinha dentro, você se fecha e cozinha.
Sempre te vejo cozinhando do lado de fora. Durante o dia você prefere cozinhar fora?
Depende - quando estou cozinhando feijão com lenha, prefiro cozinhar do lado de fora. Mas eu vou construir uma cozinha lá fora. Porque meu filho é realmente brincalhão, então quando chove, ele brinca lá dentro e temo que ele seja queimado. Quando tivermos acesso ao gás, posso construir do lado de fora e construí-lo.
Você pode descrever como você se sente em cada parte da casa? Você mudaria alguma coisa?
Eu mudaria sim, como no meu quarto eu não tenho espaço para roupas. Sim, não foi planejado, e agora posso ver que preciso disso.
Mas o espaço é bom?
Não é bom, mas sim.
Para que você usa a sala de estar?

B

Na sala de estar nós comemos, discutimos alguns problemas. Recebo meus visitantes. O quarto é para mim, meu filho e meu marido, e lá temos um banheiro, não estamos usando agora, mas logo vamos começar a usá-lo.

Logo você vai começar a usá-lo? Por quê?

Temos que primeiro levar conexão de água para tomar banho.

E onde você usa agora?

Lá em baixo.

Mas você prefere dentro?

Sim, para me lavar eu prefiro usar meu quarto.

Você mudaria alguma coisa além do guarda-roupa?

Não.

Quem decide que a cozinha teria essa dimensão? O desenho da cozinha?

Meu marido. Eu queria fazer prateleiras, para cima e para baixo para colocar minhas coisas da cozinha.

Quais são as tarefas?

Eu limpo, lavo os utensílios, limpo o sofá.

E você faz a limpeza lá fora?

Sim, varrendo também ao redor da casa.

Na próxima casa, você faria diferente?

Quero que seja diferente. Quero uma grande cozinha, quero uma grande sala de estar para a visita, um quarto para meus filhos e o banheiro principal. E eu quero colocar o banheiro em cada um. Porque meu filho está tomando banho lá fora.

E às vezes você gosta de ter mais privacidade na casa?

Só no meu quarto é onde preciso de privacidade. Só lá, não na sala de estar eu não preciso.

Mas o quarto precisa de privacidade de quem?

Dos meus amigos íntimos eu não preciso, mas de amigos que eu não conheço muito, eu preciso.

Entrevista com Jajja

Tradução: Janet

Eu quero saber como foi a casa que ela nasceu? Você pode descrever-la? A casa que ela cresceu.

Era uma casa grande. Com 4 quartos e duas salas de estar. E uma varanda na frente.

Quem costuma morar lá?

Ela estava morando lá com seus pais, com irmãs e irmãos.

Quantas pessoas?

9 e ela é a mais velha. São 4 agora.

Ela fala com eles?

Sim.

Você está perto deles?

Eles estão em algum lugar distante em Gomba, perto de Massaka.

Nesta casa onde você cresceu, qual é a sua melhor lembrança na casa?

Que ela se lembra de onde está uma boa sala de estar e do lado de fora havia uma sombra, uma boa sombra e grande.

E você se lembra de qualquer momento, um bom momento naquele lugar?

Ela lembra que seu pai plantou duas árvores, não árvores de Uganda, elas cresceram juntas e havia uma boa sombra onde eles oravam. E as vacas costumavam beber leite perto de lá.

Quando você saiu desta casa?

40 anos atrás, é disso que ela se lembra.

Quando ela saiu de casa, onde ela foi?

Ela foi se casar.

E então ela se mudou para a casa do marido?

Ela voltou para o primeiro casamento e se cansou disso e conseguiu outro casado e então ela veio para Kampala para começar uma nova vida.

Por que você se cansou do primeiro casamento?

O marido conseguiu outra esposa e disse para ela ir embora porque ele não gostava mais dela.

E o segundo marido?

O segundo em que ela foi lá e produziu dois filhos naquele casamento, e chegou a hora e o comportamento dos homens não foi bom para ela e então ela foi embora.

Agora que estamos pensando em uma casa, agora que ela teve muitas experiências em casa, eu queria saber qual sentimento você se relaciona com uma casa sua?

Ela quer se sentir melhor.

Agora que ela está morando com suas netas, que sentimento ela se relacionaria com esse novo lugar?

Ela encontrará a sua paz, ela se sentirá muito bem.

E com quem você quer sair?

Ela quer estar com as netas e Francis, o neto mais novo.

Francis virá? E a mãe de Francis não virá?

A mãe só virá nos visitar.

Quem você quer receber como visitantes nesta casa?

Eles são muitos, seus amigos, seus filhos, os membros da igreja, e você e assim por diante.

Quando ela está recebendo todo esse visitante, o que ela gostaria de fazer nesta casa?

Ela quer fazer uma pequena festa com eles.

E quando você está sozinha?

Quando ela consegue um lugar grande, ela quer criar alguns animais, e ela quer fazer mais mats de lá.

Quais são as expectativas dela e desejos nesta casa?

O que ela mais deseja é arrumar sua casa e parar de alugar.

Quais são suas necessidades na casa? O que você acha que precisa em casa?

TV, guarda-roupa.

Você precisa de um banheiro, uma sala de estar? O que você precisa?

Ela gostaria de 2 quartos, para ela e as pessoas dormirem, uma sala de estar, um lugar para animais e banheiro.

E cozinha?

Sim.

Mas onde fica a cozinha?

Se é possível, colocar a cozinha na frente?

Na frente, dentro ou fora?

Dentro, mas na frente.

Ela pode me explicar o que vai acontecer em cada lugar?

Ela quer seu quarto para ela ficar sozinha, e outro quarto para os visitantes e crianças. Uma pequena loja onde ela pode colocar suas coisas, e a sala de estar, onde todos chegam primeiro.

E em qual espaço ela imagina ficar por mais tempo?

Na sala de estar.

121 *Referências*

AGREST, Diane. *Architecture from without: theoretical framings for a new practice*. 1991. Cambridge, Mass.: The Massachusetts Institute of Technology Press.

ARRUDA, Marcella. Arquitetura para autonomia: ativando territórios educadores. *ArchDaily*, 14 jun. 2018. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/896344/arquitetura-para-autonomia-ativando-territorios-educadores>. Acesso em: 09 maio 2019.

BOMFIM, Elisabeth de Melo; MACHADO, Marília Novais da Mata. Psicologia comunitária. *Revista Psicologia e comunidade*, Belo Horizonte, ano III, n.4, p. 04-05, mar. 1988.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 115 - 144, out. 1996. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 maio 2019.

LIMA, Ana Gabriela Godinho. *Reverendo a história da arquitetura: uma perspectiva feminista*. 2004. Tese (Doutorado em História da Educação e Filosofia do Conhecimento) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

MONTUORI, Bruna Ferreira. *Design, favela e ativismos: experiências e aprendizados com a Redes da Maré no Rio de Janeiro*. 2018. Dissertação (Mestrado em Design e Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

OMURUNGI, Sharon. The hut; the first building in Uganda. *Daily Monitor*, Uganda, 3 out. 2012. Disponível em: <https://www.monitor.co.ug/Magazines/HomesandProperty/The-hut--the-first-building-in-Uganda/689858-1522996-r03yg4z/index.html>. Acesso em 17 de janeiro de 2019.

UGANDA y el derecho a la propiedad de las mujeres. *Mulier*, s.d. Disponível em: <http://mulier.ca/uganda-y-el-derecho-a-la-propiedad-de-las-mujeres/>. Acesso em: 23 de janeiro de 2019.

